Isaac Lourido

Livros que nom lê ninguém

Poesia, movimentos sociais e antagonismo político na Galiza

ATRAVÉS editora

EDIÇOM DIGITAL. NOVEMBRO 2015

Livros que nom lê ninguém: Segunda vida ou fase expansiva

Há pouco mais de um ano a cooperativa gráfica Sacauntos dava a lume *Livros que nom lê ninguém*, obra de título nom se sabe se humorístico ou a contrafio, que propunha focagens alternativas para o estudo da poesia galega atual, frisando que nem toda a poesia habita nos livros nem temos ferramentas certas para medir a sua importância na sociedade galega.

Sendo um livro aberto ao debate e à controvérsia intelectual, no balanço feito por autor e editora surgírom várias perguntas: Quais as possibilidades de nom deixar morrer já os livros nos andeis? Qual a melhor estratégia para diversificar a sua projeçom? Qual a maneira de resistir o império da fugacidade, da moda e da atualidade imperativa?

Desse debate surge a iniciativa de preparar umha versom digital do livro, que inclui seis dos seus quinze artigos – principalmente os textos inéditos ou de difícil acesso – junto com o índice e o prefácio que explica o projeto e os seus horizontes. Esta nova versom será disponibilizada gratuitamente no site da Através Editora, com os objetivos de dotar a obra de nova vida, de alargar a divulgaçom dos seus conteúdos e de reforçar os vínculos com a cultura livre e a circulaçom nom comercial do conhecimento e do pensamento crítico.

LIVROS QUE NOM LÊ NINGUÉM

Poesia, movimentos sociais e antagonismo político na Galiza

Isaac Lourido

LIVROS QUE NOM LÊ NINGUÉM

Poesia, movimentos sociais e antagonismo político na Galiza

ATRAVÉS editora

ATRAVÉS das ideias 4

EDIÇOM DIGITAL. NOVEMBRO 2015

LIVROS QUE NOM LÊ NINGUÉM.

POESIA, MOVIMENTOS SOCIAIS E ANTAGONISMO POLÍTICO NA GALIZA

1ª ediçom, outubro de 2014

© 2014 dos textos, Isaac Lourido
© 2014 desta ediçom, Associaçom Galega da Língua,
Santiago de Compostela (Galiza).
editora@agal-gz.org
www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-87305-85-6
Depósito legal: C 1748-2014

Coordenaçom editorial e diagramaçom: Xosé Antom Serem
Revisom lingüística: Marta L. Macias
Capa: cristina m. t.
Imprime: Sacauntos Cooperativa Gráfica

Atribuiçom – Tem de fazer a atribuiçom do trabalho, da maneira estabelecida pelo titular originário ou licenciante (mas sem sugerir que este o apoia, ou que subscreve o seu uso do trabalho).
Uso nom comercial – Nom se pode usar esta obra para fins comerciais.
Compartilha igual – Se alterar ou transformar este trabalho, ou criar um trabalho baseado neste trabalho, só pode distribuir o trabalho resultante licenciando-o com a mesma licença ou com uma licença semelhante a esta.

Deves saber que há muita gente
com a mesma missom:
Justiça, Independência, Liberdade.
Quando acabes de ler o último verso,
este poema auto-destruirá-se em dez segundos:
e converterá-se num poema
dentro dum desses livros de poesia
que nom lê ninguém.

(Séchu Sende)

ÍNDICE

Prefácio 11

Mapas teóricos 21

Para umha filologia política da resistência cultural 23

Teoria, cultura, resistência: Elogio da extravagáncia 35

Quatro fendas na memória: Estratégias para escrever a História da Galiza contemporánea 39

Arte e subversom na Galiza. Notas sobre investigaçom e experiência militante 49

Contra a normalizaçom 57

Os lugares da poesia 60

Teorias sistémicas e crítica de poesia em espaços de conflito cultural 66

Processos, práticas, trajetórias 79

Sobre o novo, o legítimo e o eficaz 81

Lois Pereiro no Dia das Letras Galegas 2011 84

Confiar em Lois Pereiro 85

Fora as vossas sujas maos (2) 87

Entre Rosalía 21 e Labregos do tempo dos sputniks: a poesia galega como espetáculo 90

A posiçom Séchu Sende 111

Andantes palabras: a poética militante de Manolo Pipas 125

Esboço para umha autoanálise ou como perspetivar o estudo das Redes Escarlata 141

Resenhas (2005-2012) 141

Para um estudo crítico das Redes Escarlata 167

PREFáCIO

Estudar a importáncia da poesia na cultura galega contemporánea. Identificar as definiçons de poesia que se manejam e as práticas que som definidas como poéticas. Analisar as funçons da poesia e dx poeta no campo cultural e no espaço público. Fazer umha investigaçom em tempo presente. Explorar as relaçons entre campo académico, opiniom pública e movimentos sociais. Reconduzir a pesquisa e a crítica de poesia ao ámbito da análise cultural. Construir propostas para a planificaçom sociocultural longe da opiniom e do gosto. Procurar a convergência entre investigaçom e ativismo.

Estes som alguns dos objetivos comuns dos textos que compóm este livro. A maioria fôrom publicados entre os anos 2005 e 2012, e a eles somam-se agora vários estudos inéditos. Os trabalhos som de tipologia variada (artigos académicos, comunicaçons orais em jornadas, textos de análise em meios de

comunicaçom, recensons de livros...) e organizam-se em duas partes diferenciadas. Um primeiro bloco de textos recolhe aqueles de perfil mais teórico, referidos quer a conceitos gerais (como os de *resistência* ou *normalizaçom*) quer a questons específicas (como a atualizaçom do conceito de poesia ou a crítica literária no contexto galego). A segunda parte do livro centra-se na análise de fenómenos, práticas e trajetórias concretas relacionadas com a poesia contemporánea. Este segundo bloco contém o estudo "Esboço para umha autoanálise ou como perspetivar o estudo das Redes Escarlata", de tom parcialmente diferente ao resto. Para além de recolher as resenhas feitas de livros escritos por poetas deste grupo, inclui umha análise mais alargada sobre o grupo e sobre os modelos críticos mais adequados para o estudar.

Literaturas, culturas, campos, sistemas

O aparato teórico do livro pretende filiar-se às denominadas *teorias sistémicas*, quer dizer, àquelas teorias de base sociológica ou semiótica construidas por volta de noçons como as de *campo*, *sistema* ou *instituiçom*. O objetivo desta escolha é superar umha compreensom da poesia que se limite aos textos-em-si-próprios e ao estudo de valores essencializados do literário ou do poético, bem como incorporar à pesquisa determinados fatores que permitam umha melhor análise. Embora os termos *campo* e *sistema* nom fôrom infreqüentes na cultura galega para a referência (teórica, crítica, historiográfica, programática, jornalística) dos assuntos relacionados com o literário, o livro aspira a desenvolver um uso mais preciso e mais conseqüente desta terminologia e dos seus

aparatos teóricos. De nada serve substituir "literatura galega" por "campo literário galego" ou "poesia galega" por "sistema poético galego" se nada muda na análise, se se dá continuidade aos esquemas de pensamento e pesquisa mais convencionais.

Da noçom de campo, tal e como foi ideada e desenvolvida por Pierre Bourdieu, interessa em primeiro lugar a sua fundamentaçom propriamente sociológica e a sua definiçom básica como "espaço de tensons" em que agentes vinculados por umha mesma atividade ocupam "posiçons" de acordo com critérios de maior ou menor autonomia a respeito dos campos do poder, de maior ou menor reconhecimento, de maior ou menor domínio do *habitus* (conjunto de regras interiorizadas, de disposiçons conscientes e inconscientes, que organizam a atividade do campo) ou da maior ou menor possessom dos capitais (simbólicos, normalmente, se falamos em poesia) que estám em jogo no campo.

Dada a precaridade estrutural da cultura e a literatura galegas presta-se especial atençom à questom da autonomia do campo e, especialmente, ao relacionamento com a sua fundamentaçom nacional. Neste sentido, som vários os momentos em que se aborda o conflito entre campo literário galego e campo literário espanhol e, sobretodo, em que medida a hegemonia do segundo afeta a autonomia do primeiro. Em mais dum trabalho, por outro lado, a aplicaçom da teoria do campo literário reflete sobre as dificuldades de identificar com precisom os subcampos, as posiçons e os tipos de capital postulados por Bourdieu para a descriçom de campos cuja existência e identidade —a diferença do campo literário galego— nom admite dúvidas e nom é objeto de debate.

Embora as teorias criadas em redor das noçons de campo e sistema se interessam por questons análogas e por ampliar os fatores que devem ser analisados no referente à atividade literária e cultural, a respeito dos modelos mais clássicos, o sentido em que usaremos a segunda foi desenvolvido por Itamar Even-Zohar e outrxs investigadorxs da Universidade de Tel Avive na sua teoria dos polissistemas. Dos seis fatores propostos por Even-Zohar (produto, produçom, consumo, instituiçom, repertório e mercado) em boa parte dos trabalhos tem um protagonismo específico a noçom de *repertório*, entendida como 'caixa de ferramentas', como conjunto de possibilidades que regulam a produçom e o consumo dumha determinada atividade cultural ou, ainda, como conjunto de escolhas (lingüísticas, temáticas, estilísticas, discursivas, ideológicas...) realizadas e de modelos de sociedade vinculados a elas.

Da teoria dos polissistemas destacaremos aliás a sua preferência pola observaçom das relaçons e das interferências entre sistemas (relaçons sempre desiguais e conflituosas), com especial aplicaçom ao ámbito da traduçom. Sem esquecer que os desenvolvimentos mais recentes deste quadro teórico supugérom a reconsideraçom da literatura como atividade cultural nem essencialmente diferente no seu funcionamento nem privilegiada *a priori* na sua relevância social a respeito doutras atividades sociais e culturais, motivo polo qual Even-Zohar postulou umha teoria geral da cultura capaz de abranger o estudo dos processos gerais de funcionamento e organizaçom social.

Poesia(s)

Poucas cousas resultárom mais difíceis no ámbito dos estudos sobre a literatura e a cultura que a proposta dumha definiçom de validez universal e trans-histórica para a poesia. Com a certeza de que essa definiçom nom existe, nem deve existir, os trabalhos do livro propóm-se operar com umha conceçom atualizada do que significa a poesia como fenómeno e como prática cultural contemporánea. O próprio título da obra pretende aludir à falta de correspondência entre a importáncia simbólica da poesia no campo cultural galego e a progressiva perda de relevância do poético e do literário no conjunto dos discursos culturais e, ainda, no consumo cultural na atualidade. Sem deixar de lado a leitura que nos convida a refletir sobre a perda de centralidade do suporte livro para compreendermos o fenómeno poético hoje em dia e a pensarmos num conceito de poesia aberto a práticas mais do que literárias.

Em vários textos da obra fai-se referência à lírica romántica como modelo hegemónico para a definiçom da poesia. Quer dizer, umha poesia veiculada através dum sujeito monológico e centrado, que expressa de forma imediata uns sentimentos relacionados com o íntimo e com o intraduzível e que, entre outros muitos elementos, discursivamente se distancia da ficçom. Como é sabido, as aberturas que as práticas poéticas contemporáneas oferecem a respeito deste modelo som múltiplas. O diálogo e a hibridaçom com outros géneros literários, com outras formas artísticas e com outros discursos sociais, a menor dependência das tradiçons e dos suportes convencionalmente literários, o emprego de meios

e instrumentos vinculados a outras disciplinas ou, inclusive, a diversificaçom dos espaços em que a poesia se produz ou tem lugar, som alguns dos processos mais reconhecíveis. A poesia constitui hoje em dia, deste modo, um espaço de fronteiras laxas, que carece de padrons rígidos que regulem as formas de criar/produzir, de ler/receber, de participar e de analisar.

Neste quadro de pensamento, o fundamental é assumir que som necessárias novas ferramentas e perspetivas de análise e investigaçom, agora necessariamente interdisciplinares. Já nom com o objetivo de trabalhar com umha definiçom fechada e rígida do que a poesia é, mas de reconhecer que é o que *funciona* como poesia e por que o fai, de deixar constáncia da forma em que hibridaçons e instabilidades se produzem, de pensar na crise de determinados conceitos —como os de *obra* e *autor(idade)*—, de identificar a apariçom de novos sujeitos, subjetividades e discursos poéticos ou, numha linha de análise que interessa especialmente nos trabalhos do livro, de indagar quais som a capacidade e a legitimidade da poesia e dxs poetas para intervir no espaço público, para postular programas de intervençom sociopolítica, para garantir qualquer tipo de efetividade na sua prática[1].

1 Estas e outras reflexons sobre a poesia contemporánea fôrom estudadas no projeto de investigaçom *O discurso nom lírico na poesia contemporánea: Espaços, sujeitos, hibridaçom enunciativa, medialidade*, que contou com financiamento do Ministerio de Ciencia e Innovación do Governo de Espanha (FFI2009-12746) no período 2010-2012. Vários dos trabalhos deste livro estám vinculados com este projeto, que agrupou na sua equipa científica investigadorxs de várias universidades europeias sob a direçom de Arturo Casas, da USC.

Antagonismo, movimentos sociais, pesquisa

Outro dos fios condutores que conecta os artigos do livro tem a ver com o protagonismo da poesia no ámbito do que, num sentido alargado, poderíamos denominar o antagonismo político. Na linha do definido por Chantal Mouffe, o antagonismo deve ser entendido como ingrediente fundamental do político, como disrupçom da hegemonia e do poder instituído. Inescusavelmente ligada à ideia de conflito, esta definiçom do antagonismo opom-se à compreensom da democracia como simples soma de heterogeneidades e pluralidades, ao espaço público como diálogo entre iguais sem que mediem as relaçons de poder e à possibilidade dum consenso sem exclusons[2]. Longe de conceçons mais ou menos utópicas, da fixaçom de modelos e horizontes de normalidade social, a ideia geral do antagonismo serve também para compreender e analisar a açom coletiva na sua dimensom pública e os processos de formaçom das identidades coletivas, num ámbito de observaçom e estudo que no conjunto do livro se orienta fundamentalmente para os movimentos sociais.

A definiçom básica de movimento social com que se trabalha leva em conta a organizaçom de grupos e processos de reivindicaçom política distanciados da lógica política hegemónica (representada polos partidos políticos tradicionais e as instituiçons oficiais) e que contam entre as suas bases com a postulaçom de modelos de sociedade alternativos aos reconhecidos como propriamente democráticos e ocidentais, com modelos também renovados

2 *En torno a lo político*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

de organizaçom (tendentes à horizontalidade, a pluralidade e a multicolaboraçom) ou, entre outros elementos, com repertórios de intervençom menos dependentes da mediaçom institucional e mais orientados para a açom direta.

Dos movimentos sociais no contexto galego, desta perspetiva geral, cumpre salientar a relativa descentralizaçom dos fatores de classe e nacional, e a habilitaçom correlativa doutros fatores como o género e a sexualidade, o ecologismo e o anti-desenvolvimentismo, as liberdades políticas, a solidariedade anti-repressiva ou, em geral, todos os relacionados com a defesa de práticas, grupos sociais e identidades que nom encaixam no padrom nacional. Para um estudo eficaz da sua atividade é imprescindível tomar conta, aliás, das tensons ocasionadas polas suas dinámicas anti--institucionais, pola procura da autonomia a respeito dos partidos políticos ou, em definitivo, polas diferentes variantes que podem surgir de dinámicas de empoderamento e da gestom de poderes ou contrapoderes gerados polos próprios movimentos.

A reconsideraçom que os movimentos sociais realizam a respeito de conceitos clássicos da esquerda política, como os de *resistência*, *militáncia* ou *emancipaçom*, é outro dos interesses que comparece em vários dos textos que compóm o livro, vinculado habitualmente à definiçom de novas formas de participaçom política (como a transiçom da militáncia ao *ativismo* de que fala Raimundo Viejo) e à identificaçom de repertórios de protesto relacionados com práticas poéticas (recitais, concertos, festivais, performances, ciberativismo, etc.), bem como à definiçom da sua potencial eficácia num horizonte de intervençom sociopolítica.

Livros que nom lê ninguém aspira a entrar também no debate sobre a possibilidade dumha investigaçom militante ou ativista, que supere os limites marcados polo campo e a instituiçom académicas e capaz de produzir, de forma análoga aos processos e práticas que som analisados, algum tipo de efeito transformador no seu campo social. As posiçons básicas a este respeito passam por umha compreensom da academia, que é lugar de produçom e receçom inicial de boa parte dos trabalhos deste livro (mas nom o único), como mais um espaço em que hai oportunidades e diversas vias para a participaçom em processos de mudança social mais alargados, embora aquelas sejam limitadas.

À consciência destas limitaçons cumpre somar umha conceçom descentralizada do saber, quer dizer, umha ampliaçom e umha diversificaçom dos seus espaços e dos seus meios de produçom e difusom prototípicos, na procura tanto doutros modelos de conhecimento e aprendizagem quanto da legitimaçom de modelos inéditos de saber fundamentados na açom e na experiência dos movimentos sociais. Nalgum sentido, é nesse lugar intersticial onde este livro aspira a se situar: onde converge umha experiência autocrítica e reflexiva, vinculada tanto à investigaçom quanto aos movimentos sociais, com ferramentas teóricas e analíticas de procedência nom apenas académica.

Um livro é quase sempre umha empresa coletiva. Com certeza, este livro é umha empresa coletiva em que participárom muitas pessoas. As achegas de Arturo Casas nos últimos anos a respeito das questons centrais abordadas nestas páginas servírom com muita freqüência de guia para o meu trabalho. Vaia o meu

agradecimento, aliás, para Cristina Martínez, a colega de quem mais aprendo e que melhor me compreende. Agradeço finalmente a Xosé Antom Serén, da Através Editora, a confiança demonstrada no projeto e a paciência demonstrada com a minha pessoa.

MAPAS TEÓRICOS

ARTE E SUBVERSOM NA GALIZA. NOTAS SOBRE INVESTIGAÇOM E EXPERIÊNCIA MILITANTE

[Este texto sintetiza a minha intervençom no colóquio Sabotagem na fronteira: Arte e subversom na Galiza contemporánea*, incluído nas I Jornadas Galegas da Ediçom Independente. O evento realizou-se em Compostela de 2 a 5 de março de 2010, organizado polos projetos editoriais Corsárias e Estaleiro Editora. Participárom na mesa García (do coletivo musical Dios Ke Te Crew), o humorista gráfico e ativista ridiculista Suso Samartim, Pablo Andrade, em representaçom de Maribolheras Precárias, e Iria Sobrino (da Estaleiro Editora) como moderadora.]*

Entendo que a minha presença neste colóquio obedece, sobretodo, à necessidade de apresentar um ponto de vista teórico sobre as questons que centram o debate. Nom é infreqüente que se manifeste, de determinadas posiçons, um relativo desapreço pola teoria, em benefício dumha açom que quase sempre se declara como urgente, inadiável ou a única verdadeiramente constituinte. No conjunto da minha intervençom tentarei justificar a pertinência da reflexom teórica, como mais um campo de batalha em que, de posiçons antagonistas, hai oportunidades para a intervençom e a transformaçom social. Interessa-me também salientar o beneficioso que resulta, em eventos deste tipo, o confronto de perspetivas teóricas e experiências ou programas aplicados, em princípio como forma de testar e submeter a prova o que se

postula nos diferentes âmbitos, também como forma de validar conclusons parciais.

Fixarei um ponto de partida que ajude a compreender o meu interesse por umha investigaçom relacionada com os movimentos sociais e a subversom social ou, doutro ponto de vista, com a possibilidade de definir os limites dumha *investigaçom militante* que nom careça de rigor e para a que podamos identificar qualquer utilidade. Situo esse ponto de partida na açom coletiva realizada por um Bloco Precário no 1º de Maio de 2007, na qual eu próprio participei e que foi desenvolvida, esquematicamente, do seguinte modo:

1) Okupaçom dum vagom do comboio Corunha-Compostela--Vigo para assistirmos à manifestaçom convocada polos sindicatos CUT e CGT na cidade olívica.

2) Constituiçom dum *bloco crítico* ou *bloco precário* no interior da mesma manifestaçom, nutrido por pessoas procedentes de diferentes pontos (deve ler-se, "cidades sobretodo") da Galiza, trás a faixa "O neoliberalismo precariza as nossas vidas".

3) Combinaçom dos repertórios clássicos de protesto (incluída a açom direta) com a paródia tanto dos poderes políticos e económicos quanto dos rituais de mobilizaçom e protesto do sindicalismo sistémico. Como exemplo deste segundo tipo de repertórios, pode ser citada a representaçom, durante todo o percurso da manifestaçom, dumha performance-procissom homenagem à "Santa Precária" ou a proposta de consignas como "Nom pidas trabalho, que cho dam".

4) Articulaçom dum discurso ideológico e de açom inequivocamente antagonista (neste contexto, anti-capitalista) mas diverso, horizontal e inclusivo. A distáncia a respeito dos rituais mobilizadores prototípicos da esquerda sindical ficou evidenciado no final da manifestaçom quando, após a leitura dos manifestos respetivos por parte de porta-vozes dos sindicatos convocadores, o alto-falante do Bloco Precário foi cedido ao músico García para que o seu rap desse por concluída a mobilizaçom.

A reflexom investigadora que surge a respeito deste tipo de práticas, reproduzidas/replicadas mormente nas mobilizaçons dos movimentos sociais mais autónomos e menos institucionalizados, tem a ver com perguntas de diferente tipo. Em primeiro lugar, e a respeito do uso de práticas e códigos artísticos em contextos mobilizadores, cumpre estabelecer algum tipo de hipótese sobre o caráter mais ou menos artístico dessas práticas e desses códigos (em resumo: *Isto é arte?* E ainda: *Que classe de arte é esta?*) e, em conseqüência, da possibilidade de os estudar de acordo com metodologias criadas nos âmbitos académicos correspondentes. Se mudarmos a perspetiva, também parece necessário estudar em que medida estas práticas subversivas intervenhem, ou tenhem a capacidade de intervirem, no espaço político (da mesma forma, agora: *Estamos a fazer política?*). Inclusive no sentido de dilucidar em que se fundamenta o seu antagonismo e se oferecem algum valor constituinte.

Contodo, e apesar do sugestivas que podem parecer estas questons iniciais, o modelo de análise que agora me interessa colocar aposta numha relativizaçom da sua importáncia, bem

como da restriçom a umha metodologia exclusivamente centrada no par arte-política. Neste sentido, nom som tam importantes as perguntas "Isto e arte?" ou "Estamos a fazer política?" quanto a identificaçom dos objetivos das práticas observadas, os repertórios que as constituem, as funçons que cumprem em cada contexto ou a avaliaçom do seu grau de eficácia. Sobretodo se somos conscientes de que a aspiraçom a qualquer reconhecimento no campo artístico é praticamente inexistente e de que objetivos e eficácia tenhem que ser situados de forma evidente no campo sociopolítico.

É imprescindível relacionar esta ideia com os postulados da Guerrilha da Comunicaçom, em tanto movimento que tenta ampliar a política de esquerdas mediante o ataque às convençons estéticas do poder, que se apropria de práticas e modelos artísticos para os deslocar a contextos de intervençom social e política, e que, finalmente, se desentende da "qualidade artística" e se centra na utilidade para o desenvolvimento dumha política subversiva[12].

Destas práticas e repertórios de intervençom destacarei duas componentes, relacionadas com os conceitos de *diferença* e *participaçom*. Com a ideia de diferença, que nom implica necessariamente novidade, exclusividade ou antagonismo, refiro-me neste caso a vários níveis de análise. Penso, em primeiro lugar, na oposiçom ao conceito de *obra* (fechada) e na constituiçom de *poéticas* (num sentido alargado) abertas e processuais, baseadas na alteraçom de códigos e significados. Concebo também a renúncia a qualquer tipo de especializaçom disciplinar, substituída por umha

12 VV. AA. *Manual de guerrilla de la comunicación*. Barcelona: Virus, 2000.

metodologia do intercámbio e a confusom que, em última análise, produz resultados dificilmente classificáveis. Frente a fórmulas ritualizadas da participaçom política, estas práticas antagonistas aspiram à ativaçom de formulas diferentes, de planos de intervençom alternativos e, isto é fundamental, de eficácias renovadas.

A ideia de participaçom estabelece um regime de produçom cultural frontalmente oposto às convençons em que se baseiam os campos artístico-cultural e político, em boa medida pola destituiçom de facto que se realiza da figura dx autorx e da marginaçom de ideias consubstancias como as de *representatividade*. Cumpre destacar, neste sentido, a aposta nos métodos colaborativos e autogeridos, numha política do trabalho nom hierarquizada e na ativaçom dum princípio de inclusom que, nas práticas concretas, consegue superar a separaçom entre produçom e receçom e distanciar-se da cultura de massas. Poderíamos situar o seu horizonte, polo contrário, na fixaçom de modelos de intervençom popular e no possibilitamento de processos e contextos de *democracia cultural*[13].

13 Para umha melhor compreensom da ideia do popular que se introduz, cumpre fazer referência à distinçom desenvolvida por Antonio Méndez Rubio (*El conflicto entre lo popular y lo masivo*. Valencia: Episteme, Universitat de Valencia, 1995) entre o popular e o maciço. Vincula o primeiro com as práticas culturais arraigadas nas capas sociais mais humildes, frente ao maciço que nasce nas capas privilegiadas e se projeta sobre as restantes ("La apariencia democrática y apacible de la actual cultura de masas procura una generalización del consumo que mantiene, sin embargo, divisiones y privilegios en el terreno de la participación creativa", p. 8).

Como exemplo de processo cultural democrático, neste sentido, poderia ser identificado o festival As Meninas de Canido, realizado em Ferrol nos anos 2008 e 2009. A ideia original, proposta polos pintores Eduardo Hermida e Gustavo Sequeiro, consistiu numha convocatória de colegas para reproduzir o famoso quadro de Velázquez nas paredes das casas abandonadas do bairro. O sucesso da iniciativa no primeiro ano, sustentado no apoio vicinal e na sua consciência da necessidade de regeneraçom do bairro, bem como a colaboraçom do concelho local, provocárom a extensom da segunda convocatória a um ámbito interartístico em que tivérom cabida a pintura, a música, a fotografia, a dança, o cinema e, em geral, um sentido performativo em que a participaçom vicinal, para além de estar incluída, é imprescindível.

Neste esquema de análise ocupa um lugar central a ideia de eficácia. A respeito dela (ou, mais exatamente, da ideia de *efetividade*), Jordi Claramonte distinguiu entre umha *efetividade tática* e umha *efetividade estratégica*. O nível tático contaria com o ámbito local como cenário preferente de atuaçom e pode associar-se, com matizes, com as práticas da arte ativista. Centra os seus objetivos na reestruturaçom de discursos e posiçons localizados no seu mesmo domínio de existência e relaciona-se de forma preferente com os métodos colaborativos antes assinalados, mas também com a imediatez e com a proposiçom do começo dumha mudança entre as suas caraterísticas preferentes. O nível estratégico, por sua vez, opera em prazos de atuaçom mais demorados no tempo e aspira, em último caso, à produçom de mudanças nos ámbitos de produçom, receçom, comportamento ou conduta no horizonte amplo do social, o cultural e o político. A respeito da juntura entre arte

(ou poesia) e subversom que aqui interessa, acho produtivo trazer à tona o processo A Cultura Preokupa e o posterior desenvolvimento do espaço da Casa das Atochas na Corunha, em relaçom ao nível tático. Quanto ao nível estratégico, proponho pensar com base nestas coordenadas trajetórias como a dos Resentidos (que nalgum sentido, talvez, estendêrom e fixárom novas possibilidades para a ideia de "música galega") ou, noutro plano de intervençom, o dinamismo mobilizador do movimento LGTB.

A respeito da ideia de eficácia, a investigadora Suzanne Lacy desenhou diferentes critérios para a avaliaçom da potencialidade do ativismo artístico relacionado com a performance. Lazy propom valorizar a qualidade da experiência para quem participa e para quem eventualmente assiste como público, o potencial das redes de trabalho artístico na sua aplicabilidade a outras esferas e, finalmente, a continuidade dos processos postos em andamento pola performance noutros espaços e noutros contextos mas na seqüência dum mesmo processo reivindicativo. A esta série de parámetros acho imprescindível acrescentar um outro, relacionado com a coesom do grupo que leva adiante a intevençom e com o estabelecimento de redes de confiança e colaboraçom dinámicas, mas suficientemente reforçadas e duradoiras, para o desenvolvimento dum determinado ciclo de protestos.

Na mesma linha de reflexom teórica e metodológica, de pensar como estabelecer umha investigaçom (militante) capaz de enfrentar com solvência um objeto de estudo móvel e dinámico como este, cumpre fazer algumha reflexom sobre ideias como as de *arquivo*, *história* ou *memória*. Anoto-as, para finalizar, em

modo interrogativo: Perante um objeto de estudo que conta entre os seus repertórios fundamentais com a imediatez, o processual, a multiplicidade e a dispersom referencial ou a ativaçom dumha efetividade precisa, concreta e urgente, fai sentido promover ou desejar a existência dum arquivo ou registo (de caráter literário, gráfico ou audiovisual)? Em que condiçons esse arquivo, que tende a descontextualizar o que é incompreensível fora de contexto, serve para o empreendimento da investigaçom? Pode servir, talvez, para fortalecer umha dinámica de exportaçom ou partilha de práticas e repertórios de mobilizaçom? Casam nalgum sentido as noçons de *catálogo* ou *classificaçom* com as práticas que podem nutrir-se da indefiniçom, da improvisaçom e da provisoriedade? Produz o meio digital condiçons específicas para a imaginaçom dum outro arquivo, umha outra história, umha outra memória?

OS LUGARES DA POESIA

[O seguinte texto foi publicado em 23 de maio de 2009, no nº 24 de Nós *(suplemento cultural do* Xornal de Galicia*). Comparte umha mesma linha de pensamento com o artigo "Arte e subversom na Galiza. Notas sobre investigaçom e experiência militante" e com a minha intervençom no I Simposio Internacional Poéticas de Resistência, realizado em Leeds em fevereiro de 2008. Este evento foi a primeira iniciativa dumha rede de pessoas dedicadas à pesquisa, a criaçom e o ativismo interessadas nas junturas e conflitos articulados à volta da resistência, a poesia (num sentido expandido), a investigaçom e a intervençom sociopolítica]*

A desmoralizaçom que produzem os enésimos fastos do Dia das Letras precipitam o cenário para que, mesmo como atividade insubmissa, demos em cavilar nos limites de certas palavras sacralizadas. Por exemplo, num nível sobretodo simbólico, *poesia*. E por exemplo também, na contemporaneidade mais próxima e dum ponto de vista mais pragmático, *livro*. Entendido este último como suporte da maquinaria empresarial que o fabrica, e como estandarte dum processo de normalizaçom que nom parece interessado na potencialidade da diferença, como estilete de afirmaçom em sentido comunitário.

Podemos colocar o qualificativo que quigermos para a cultura galega (menorizada, subalterna, dependente, periférica, emergente) mas concordaremos em que as categorias que nos permitem pensar as culturas assentadas na estabilidade, e reforçadas por um Estado (de acordo, pensemos na cultura espanhola), dificilmente

se podem usar com a mesma solvência para perceber o próprio. Perguntas vinculadas a esta hipótese aludem às remoras pactuadas com a tradiçom histórica para decidirmos o que é ou nom é poesia na atualidade, assim como a sujeiçom desses esquemas de pensamento ao livro, como mecanismo de legitimaçom e consagraçom quase exclusivo para qualquer poeta se prezar de o ser com todas as garantias.

Processos por experimentar

Formas diferentes de imaginar o poético, que começam a ser alindadas polo campo cultural da Galiza, propóm abordar a poesia como umha condiçom potencialmente inscrita nos comportamentos e nos acontecimentos humanos. Esta conceçom, que nos desloca para terrenos de fronteira assumidos com pavor por crítica e academia, incide na ideia da arte, da poesia neste caso, como um processo por experimentar. E reclama, ao mesmo tempo, novas formas de participaçom afastadas das ideias convencionais de leitura, consumo e interpretaçom.

Antón Lopo, num texto incluído no livro do seu projeto *Dentro*, definiu a poesia como "acción simultánea de relación universal", depois de cair na conta de que "a poesia non podía ser só literatura". Sobre estimulantes bases como estas, vale a pena ampliar a focagem sobre o panorama poético contemporáneo e alargar a olhada para as práticas de performance, as que tiram partido do suporte telemático (poesia hipertextual, holopoesia), o spoken word, as apostas na hibridaçom e na confusom entre disciplinas artísticas ou, também notoriamente, o que de poético

houver em certas propostas musicais, cénicas, audiovisuais ou gráficas como a banda desenhada.

Ponhamo-nos a pensar, assim, desordenadamente, nos programas de atuaçom suportados polo próprio Antón Lopo, Matarile Teatro, www.expoplanetarium.net, a Corporación Semiótica Galega (www.cosega.org), O Leo / Leo i Arremecághona, a intervençom sobre Celso Emilio Ferreiro de Labregos do tempo dos sputniks (Leo e García), o espetáculo Rosalía 21 (de parámetros mais institucionais), Carlos Santiago, María Ruído, Pallasos en Rebeldía, em certo modo e mais noutros tempos as Redes Escarlata, Carlos Quiroga, todo o que achega a cultura hip hop gestada aqui (muito mais do que música), entre bastantes iniciativas difíceis de sistematizar, como as fórmulas várias promovidas no formato blogue.

Contodo, nom procede perder a perspetiva e pensar estas práticas poéticas como exclusivas do tempo presente. Ao contrário, a restauraçom bourbónica fixo surgir propostas limite que nos permitem traçar a genealogia da açom poética insubmissa galega, assentada no mínimo nos projetos Rompente, Os Resentidos, Ronseltz e todo o Reixa até *Escarnio* (1999), com alguns acenos procedentes do movimento bravu e das apostas menos conformistas da poesia da década de 90, como o Batallón Literario da Costa da Morte.

A POESIA DA AÇOM POLÍTICA

Falta umha porta mais por abrir. A que, segundo o poeta e investigador valenciano Antonio Méndez Rubio, percebe a

poeticidade inscrita na açom política, associada em princípio a ideais de eficácia na construçom social contra-hegemónica e de quebra com as formas convencionais de protesto social. É um programa baseado na alteraçom dos códigos e no deslocamento de significados, no intercámbio e na (con)fusom de práticas artísticas e culturais e, do ponto de vista pragmático, num princípio de inclusom que dá prioridade à açom coletiva, ao cruzamento dos ámbitos de produçom e receçom e, em definitivo, à oposiçom às dinámicas de isolamento e privacidade impostas pola cultura de massas.

Se os situacionistas afirmavam ter achado o seu *kairós* nos acontecimentos de Maio de 68, na Galiza confiamos ainda no exemplo imponente e deslumbrante que, como momento oportuno e criado em tempo real, supujo em 2002 o movimento (que nom a Plataforma) Nunca Mais. No ronsel da consciência rebelde-projetiva que ali germinou, e com o adubo das estratégias postuladas pola Guerrilha da Comunicaçom, persistem projetos contestatários que, despreocupados de critérios de valor, qualidade ou originalidade a respeito dos códigos artísticos, simplesmente os usam como arma de intervençom no espaço público, como ferramentas de açom direta.

Associam-se aos mais pujantes e menos institucionalizados movimentos sociais, em muitos dos quais a reivindicaçom nacional ficou fora do centro da açom. A listagem poderia incluir os coletivos organizados contra a precariedade (Grupo de Axitación Social, Maus Modos), movimentos de libertaçom sexual (Maribolheiras Precárias), feministas (Lerchas, Mulheres

Transgredindo), de defesa do território (como Galiza Non se Vende, que nega a exclusividade urbanita a estas formas de atuaçom) ou daqueles coletivos que fam da defesa da língua galega um símbolo de resistência política, com especial protagonismo para o ridiculismo reintegracionista (www.seioque.com).

O HORIZONTE (POÉTICO)

Boa parte das práticas que desbordam o suporte livro assumem e reconfiguram mecanismos de criaçom e participaçom inscritos no imaginário popular, tais como a oralidade, a linguagem corporal ou os modos de relacionamento colaborativos e multitudinários. Se dermos por certa esta consideraçom, em nengum sentido deverá ser tomada como prova de superioridade frente à palavra impressa, cuja potencialidade histórica e presente no sistema cultural galego nom está em dúvida. Mas, no entanto, umha implementaçom expandida e continuamente reapropriada desta forma transversal de entender o poético fornece oportunidades para a construçom, em sentido integral, de processos de *democracia cultural*.

A elaboraçom do mapa poético galego segundo estas coordenadas deve integrar como naturais a tensom entre o institucional e o para ou contra-institucional, entre o programado e o espontáneo ou inesperado, entre as fórmulas de criaçom e consumo consolidadas, tradicionais ou hegemónicas e as que dumha posiçom marginal e heterodoxa irrompem no espaço público. Da energia criada nesta disputa, ainda nom representada, talvez se podam esperar novos motores de reforço para a poesia galega, que descartem o horizonte da normalidade e que

apostem na hibridaçom e na diferença como armas para superar dependências, subalternidades, colonialismos.

Tenhem um valor acrescentado todos os enclaves poéticos que fôrom colocados: a dificuldade para serem apropriados (bloqueados, neutralizados) polo campo do poder. Nom os veremos na cerimónia presidencial, na entrega do prémio nem no recital do PEN Clube. Quem porfiou em nom retirar o casco que recomendava Ronseltz, quem acompanhou a consciência do *Fracaso tropical* que pugérom sobre a mesa Os Resentidos, concordará com O Leo i Arremecághona em que ele nom sobe ao cenário para que se veja o bem que toca a guitarra. E entenderá todo o significado de que, ante a ausência de manifesto, fosse o rap de García quem clausurasse a intervençom do Bloco Precário no 1º de Maio de 2007 em Vigo. Nunca lhes vam dedicar o Dia das Letras. Mas é que nom o merecem.

PROCESSOS, PRÁTICAS, TRAJETÓRIAS

LOIS PEREIRO NO DIA DAS LETRAS GALEGAS 2011

[Estes dous textos sobre Lois Pereiro refletem sobre o seu nomeamento para o Dia das Letras Galegas de 2011. O primeiro foi publicado no portal galizalivre.org em 21 de agosto de 2010 (https://galizalivre.org/?q=colaboracom/confiar-em-lois-pereiro). *O segundo foi incluído na secçom "A palestra" do* Novas da Galiza *(nº 102, de 15 de junho a 15 de julho, p. 18), junto com um artigo assinado por Mauro Silva e intitulado "Lois Pereiro e as letras distintas"]*

CONFIAR EM LOIS PEREIRO

Em conversa com Daniel Salgado

Com a nomeaçom de Lois Pereiro como escritor homenageado no Dia das Letras Galegas de 2011, fôrom retomados os debates que, cada ano, ciclicamente, suscita a convocatória dessa efeméride. Pola minha parte, acho que o acordo ou desacordo com a Real Academia Galega em relaçom ao 17 de Maio responde basicamente a umha questom de maior ou menor confiança na instituiçom. Quer dizer, que aquelxs (quase sempre aqueles) que acreditam na capacidade da RAG para encabeçar o desenvolvimento e o dinamismo cultural galego e galeguista, nom tenhem problemas para encontrar argumentos com os quais reforçar a escolha de cada ano. E som argumentos perfeitamente válidos, na maioria dos casos.

Os desacordos procedem, com freqüência, daquelas outras posiçons partidárias de candidaturas diferentes (incluída a de Ricardo Carvalho Calero) mas que, implicitamente, acreditam na legitimidade histórica, no valor e no potencial da Dia das Letras como emblema da nossa cultura. Menos presença pública parece ter umha terceira via que pom em causa a operatividade dos termos em que está concebida a celebraçom (carrossel editorial, lastre e pompa institucional, ritualizaçom, etc.), que desconfia da capacidade de qualquer Academia como motor da emergência em culturas ameaçadas e que, para o caso galego, adverte da prática incapacidade da RAG para desbordar o quadro jurídico-institucional em que participa e em que tem sentido.

A escolha de Pereiro evidencia, neste sentido, que a RAG nom é umha Academia exatamente igual que as Academias com reconhecimento comprido em perspetiva internacional. A dependência cultural, a coexistência num mesmo domínio com a cultura espanhola e o processo de assimilaçom identitária provocam umha série de problemas e instabilidades que podem ser enfrentados com estratégias diferentes: jogar a ser como as Academias indiscutidas (pompa, cerimónia, cánone) ou aproveitar o conflito como estilete de afirmaçom diferencial (tensom com as outras instituiçons públicas, propostas de contracanonizaçom, contradiçom dos discursos oficializados, etc.). Apesar do predomínio histórico da primeira destas linhas na RAG, nom faltam argumentos para considerar a eleiçom de Pereiro como umha pequena concessom em direçom contrária.

No ano Lois Pereiro encontraremos a resposta a multitude de questons, interessantes sem dúvida para continuarmos a comprovar como funciona a cultura galega em tempos de reconquistas imperiais. Assim, como se vai assumir a figura e a obra deste poeta no ensino? Como se abordará a sua sensibilidade proto-marginal, a dialética entre vida e obra, a escassa presença institucional ou a relevância da morte no seu processo criativo? Serám peneirados os testemunhos gráficos que dam fé do seu percurso vital?

Falta saber, também, que relato nos vam legar aquelxs que partilhárom com Pereiro cidade e escritas. Qual será a metáfora escolhida por Manuel Rivas. Mas, sobretodo, quantas noites passará sem dormir a pessoa encarregada de escrever a Núñez Feijóo o discurso protocolar em memória do homenageado.

FORA AS VOSSAS SUJAS MAOS (2)

Poucas poéticas e poucas trajetórias como as de Lois Pereiro representam valores mais antagónicos aos tradicionalmente defendidos polas Academias de letras, incluída a RAG. Poucos escritores, por outro lado, oferecem constantes tam sólidas para a reediçom do lembrado manifesto 'Fóra as vosas sucias mans de Manuel Antonio', difundido polo Colectivo Rompente em 1979 perante os fastos do Dia das Letras Galegas dedicados ao poeta de Rianjo.

Num artigo publicado no ano passado em galizalivre.org, propunha abordar a nomeaçom de Lois Pereiro como umha questom de confiança/desconfiança na funcionalidade da RAG para o assentamento dumha comunidade cultural galega que, apesar das diferentes ameaças experimentadas, persiste no seu processo de construçom. Neste quadro de pensamento, é necessário avaliar com severidade a pertinência e a capacidade dumha Academia que, fora do tempo e das condiçons típicas em que as suas homólogas internacionais se consolidárom, apenas acha sentido na residualidade a que a condena o quadro político-administrativo vigente.

Esta palestra à volta de Lois Pereiro serve também para pôr em causa vários aspetos relacionados com o 17 de Maio. O fundamental tem a ver com o escasso dinamismo demonstrado por umha fórmula que mantém os princípios criados hai quase cinquenta anos e que, por estar centrada na homenagem a autores mortos, obscurece o protagonismo eventual doutros processos literários (publicaçom de obras, manifestos literários, criaçons

institucionais, etc.) e orienta boa parte da sua energia para a dimensom memorialística e para-hagiográfica.

Para quem considerar que o Dia das Letras constitui umha oportunidade para a produçom de conhecimento (académico, crítico, divulgador) sobre a pessoa selecionada, cumpre fazer umha crítica demorada do tipo de conhecimento resultante da celebraçom. Assistimos, em primeiro lugar, a umha inflaçom editorial que evidencia as deficiências do setor e das políticas culturais vinculadas com o mesmo. Para além disso, a emergência simultánea de tam desmesurada produçom de obras de e sobre Lois Pereiro provoca a inexistência dum debate e dumha dialética real entre todas elas, quando nom o solapamento ou a condena à irrelevância da maioria. Hai ainda um outro efeito perverso da efeméride: a eventual clausura da atençom (crítica, leitora, didática, editorial) sobre o escritor do ano. Desconhecemos onde será relegado Lois Pereiro após 2011, do mesmo modo que ninguém ouviu falar nos últimos meses de María Mariño, Manuel Lugrís Freire ou Lorenzo Varela.

Era esta a homenagem que merecia a poética distinta, rebelde e descolonizadora de Lois Pereiro? A cultura galega, ainda nas suas vertentes mais iconoclastas e contraculturais (palavra na moda), só é capaz de mobilizar-se por imperativo institucional?

Tem-se argumentado a necessidade de *normalizar* a presença de Lois Pereiro no ensino e na história cultural. Parece esquecer-se que a normalizaçom, por exemplo na incorporaçom aos discursos historiográficos e escolares, também obriga a moderar e a neutralizar. Ignora-se que o marginal e o heterodoxo nom é planificado

polas instituiçons oficiais: surge da contradiçom e dos conflitos. Porque, polo visto, e ao lado de iniciativas magníficas (nom deixem de escuitar Ondas Martenot), normalizar Lois Pereiro significa também (e doe) ceder a cadeira ao conselheiro de cultura no bar Borrazás (Corunha, 2 de fevereiro de 2011), pensar como conter a náusea perante o discurso de Núñez Feijoo no 17 de Maio.

A POSIÇOM SÉCHU SENDE

[O primeiro dos textos foi publicado no número 16 (outono de 2010) de Protexta*, o suplemento literário da revista* Tempos Novos*, como resenha do livro de Séchu Sende* Animais *(Através Editora, 2010). O segundo texto, inédito, amplia as linhas de análise colocadas na resenha]*

1

Séchu Sende foi o autor escolhido pola Através Editora (a marca editorial da Associaçom Galega da Língua) para inaugurar a sua coleçom Através das Letras, especializada nas obras de criaçom, com as marcas dumha cuidada produçom editorial que parece comum a todos os produtos da iniciativa, e cuja segunda achega está constituída polo conjunto de poemas e letras de cançons assinado por Ugia Pedreira e publicado sob o título de *Noente Paradise*.

Toda a trajetória de Sende parece convergir numha atualizaçom dinámica do compromisso político como posiçom no sistema literário galego. Em primeiro lugar, polos vínculos que as suas obras estabelecem com os movimentos sociais nunca definitivamente assimilados ou institucionalizados (Burla Negra, Galiza Non Se Vende). Também pola capacidade para a construçom dumha aliagem de discursos emancipatórios que, com base no ecologismo, alcança a defesa da língua, a reivindicaçom de classe e o independentismo. E, para além disso, numha aposta que fica mais claramente definida em *Made in Galiza* (Galaxia, 2007) e neste *Animais*, pola exibiçom descomplexada dumha vocaçom

didática que, como sabemos, contribui a problematizar processos de leitura e análise.

A esse mesmo alento pedagógico, à definiçom desta poesia com mensagem, contribui notavelmente a incorporaçom dumha série de desenhos que, assinados também polo autor, se intercalam entre texto e texto e reforçam a orientaçom da obra para um terreno poético e narrativo que participa da fábula e da parábola. Trata-se, resumidamente, de reconhecer no encontro entre os animais que o autor coloca como protagonistas, os espaços desenhados (reconhecíveis ou simbolicamente deslocados) e os acontecimentos derivados da dialética do progresso que tutela o capitalismo, respostas, chaves ou mensagens para umha redefiniçom, nem sempre avondo aberta à tensom dialética, do que significa Galiza, a defesa da terra, a soberania, a justiça ou a liberdade.

"Se fabricamos cuitelos em cadeia, por que nom Liberdade? / É o seguinte passo na evoluçom da espécie. / E conseguiremo-lo mirando-nos aos olhos"

A seguinte tarefa reflexiva, e talvez a mais decisiva para acertar a perceber a proposta do livro, deve centrar-se nos públicos e nas expetativas de leitura. *Animais* trabalha, intervém, funciona no espaço de debate que inclui compromisso social, exigência estética e eficácia política. Frente às propostas ocupadas no desenvolvimento de projetos de vanguarda política e literária, mas também em oposiçom ao panfletarismo menos audaz, Séchu Sende parece teimar numha revalorizaçom de novos espaços para a socializaçom literária que, situada materialmente nos centros

sociais, na caravana ambulante da reivindicaçom política ou nas suas aberturas para o ámbito da educaçom (e nom apenas da formal e obrigatória), também é consciente dos seus limites.

Assim termina o poema *Top secret*: "Deves saber que há muita gente / com a mesma missom: / Justiça, Independência, Liberdade. / Quando acabes de ler o último verso, / este poema auto-destruirá-se em dez segundos: / e converterá-se num poema / dentro dum desses livros de poesia / que nom lê ninguém".

2

Os vínculos com os movimentos sociais e, num sentido mais alargado e talvez difuso, com determinados processos socioculturais que tivérom lugar na Galiza nas últimas duas décadas, constituem elementos imprescindíveis para melhor entendermos a trajetória pública de Séchu Sende. O objetivo destas notas é identificar que tipo de relaçons se podem fazer entre posicionamentos sociopolíticos e posicionamentos especificamente poéticos e literários. Analisar, por exemplo, em que medida a sua participaçom nas plataformas Burla Negra e Galiza Non Se Vende foi veiculada dalgumha forma na sua atividade literária. Ou, se mudarmos o sentido da análise, discernir se a sua condiçom de escritor/poeta lhe reservou determinadas funçons nas práticas de mobilizaçom e protesto impulsadas por estes coletivos. Ou, em definitivo, e por continuar a enredar numha mesma linha de pesquisa, se fai sentido neste caso distinguir com total claridade entre um campo sociopolítico e um campo literário; quer dizer, se fai sentido concetualizar um campo de intervençom em que a especializaçom política ou artística fica

neutralizada polos princípios, ritmos e dinámicas próprios dos movimentos sociais mais autónomos e menos institucionalizados.

A minha alusom anterior a processos socioculturais, como complemento para pensarmos os movimentos sociais propriamente ditos, cobra sentido no caso de Séchu Sende a respeito de dous elementos: o que representou a Compostela universitária da década de noventa no antagonismo galego, por um lado, e o movimento em defesa da língua galega, polo outro. Nom foi mui estudada, nem mui reconhecida no campo literário, a atividade do coletivo poético Serán Vencello, que funcionou sobretodo em Compostela nos primeiros anos da década de 1990 e que contou com Sende entre os seus masculinos integrantes[29]. Partidários da dessacralizaçom da poesia, da nom restriçom do poético ao formato livro e à leitura íntima e transcendente, da poesia dita em voz alta fora dos cenáculos propriamente literários, os membros de Serán Vencello contribuírom na constituiçom do movimento poético concetualizado pola crítica especializada como *geraçom* ou *poesia de 90*.

Para dar continuidade à análise nom interessa tanto umha discusom sobre esta classificaçom geracional e historiográfica

29 Mui útil para conhecer a génese e o espírito de Serán Vencello (outras vezes: Serán-Vencello) é a anotaçom feita por Sende no seu blogue pessoal *Made in Galiza (*http://www.blogoteca.com/madeingaliza/index.php?cod=27511*)*. Nela identifica como principal impulsor do coletivo a Xan Castro Huerga (1972-1995), poeta, músico da banda Embrace me Ocean e ativista cultural destacado na Compostela universitária da época.

quanto umha reflexom, com certeza breve de mais, sobre os processos sociais e culturais que permitírom durante essa década, em geral, umha redefiniçom do lugar da poesia no espaço público e, em particular, o nascimento de coletivos como o Batallón Literario da Costa da Morte, de publicaçons como *Ólisbos* ou de projetos editoriais como Letras de Cal. Seria interessante, neste sentido, investigar de que maneira o campo literário galego refratou, traduziu, a massificaçom da universidade galega e a incorporaçom à mesma de novas experiências culturais; a chegada ao poder em 1989 de Manuel Fraga e do Partido Popular para iniciar o ciclo político que durou até 2005, ou, por colocar outro exemplo, a consolidaçom da legitimaçom institucional do Bloque Nacionalista Galego nessa década de 90, a extensom do seu raio de açom a todo o território galego e o desenvolvimento da sua hegemonia no campo político nacionalista. Enfim, sem pretender a exaustividade nem a precisom, vale a pena pensar em que medida esses e outros fatores provocárom a apariçom de determinadas fendas ao redor do relato da normalizaçom (lingüística e cultural) que acompanhou o desenvolvimento da comunidade autónoma e dinamizárom o debate público sobre a definiçom, as estratégias, os repertórios e as instituiçons da cultura galega.

Se levarmos em conta algumhas destas referências para analisar o primeiro livro publicado por Sende (*Odiseas*, Letras de Cal, 1998), percebe-se na obra a tensom entre diferentes modelos repertoriais, também como anúncio de estratégias e escolhas desenvolvidas em obras posteriores. Relacionam-se estes repertórios com a cultura e os imaginários urbanos (assim o poema que começa "A Bukowsky, como a min, gostaba-lle facelo

na ducha."), a emancipaçom política ("A néboa da Resignación") ou o recurso à fábula alucinada ou exotizada como linha de fuga perante a gravidade do discurso. Neste último caso, com umha orientaçom para a narratividade que, introduzindo o humor como ingrediente fundamental, resolve quase sempre a postulaçom dalgum tipo de posicionamento ético.

Quanto ao segundo dos elementos assinalados anteriormente, a defesa da língua, para melhor estudar a trajetória literária de Séchu Sende devemos prestar atençom às suas sucessivas tomadas de posiçom neste ámbito. Cumpre fazer referência a umha primeira fase desenvolvida no quadro da normalizaçom lingüística modelada polo nacionalismo hegemónico, fundamentada no vínculo entre língua, naçom e identidade, na oposiçom às políticas públicas para o galego e no respeito à normativa ortográfica oficial na praxe da escrita.

O livro *Made in Galiza* (Editorial Galaxia, 2007) é imprescindível para compreender os fundamentos desta estratégia e, aliás, para compreender também várias mudanças que fôrom realizadas polo autor com posterioridade. O heterogéneo conjunto de textos que compóm o livro alcançou um sucesso extraordinário quanto a vendas e alcance social, de tal forma que foi considerado um texto central para o desenho de atividades relacionadas com a normalizaçom lingüística, abrangendo em princípio tanto o ámbito do ensino institucionalizado quanto setores implicados no ativismo em defesa da língua de posiçons de base. Do livro hai que destacar precisamente a aposta no desenho dumha alternativa pedagógica para a língua, relacionada com umha compreensom

do ensino como cenário fulcral do conflito lingüístico e, decisivamente, com a ativaçom de sensibilidades específicas até essa altura nom consideradas centrais ou relevantes. Refiro-me, por exemplo, ao reconhecimento dx neofalante como sujeito de referência para a defesa do galego ou à introduçom da normativa reintegracionista nalguns dos textos.

Do *efeito Made in Galiza* interessa salientar ainda alguns outros elementos para a análise. Em primeiro lugar, a assunçom do didatismo sem maior justificaçom nem desculpa. Aliás, as sete ediçons realizadas do livro entre 2007 e 2011, e a concessom do Premio Ánxel Casal da Asociación Galega de Editores à melhor obra do ano; o processo de replicaçom experimentado polo lema-consigna "Eu nunca serei yo", estampado polo centro social compostelano da Gentalha do Pichel em sucessivas fornadas do seu material (camisolas, panos, mochilas, faixas) ou apropriado polo cantautor punk Leo i Arremacághona para a produçom dum dos seus temas mais acompanhados do último lustro; finalmente, entre outras possibilidades: a extensom dum ativismo por volta da língua que excede o literário e que, em propostas de cariz performativo como o *Método de auto-hipnose para falar galego* ou o *Circo de Pulgas Carruselo – Galiza Pulgas Circus,* dá continuidade à procura de alternativas para a concretizaçom dumha melhor intervençom sociopolítica[30].

30 Da importáncia na trajetória de Séchu Sende deste livro informa, por outro lado, que Made in Galiza seja também o nome do seu blogue pessoal na rede (http://www.blogoteca.com/madeingaliza). O desenvolvimento deste blogue mereceria um maior atendimento para estudar a trajetória do

Outro elemento que importa levar em conta é a traduçom total ou parcial de *Made in Galiza* a um bom número de línguas, bem como o compromisso ativo de Sende na exportaçom do seu discurso a determinados contextos atravessados por conflitos culturais e lingüísticos. É precisamente este tipo de experiência a que constitui o seu último livro, *Viagem ao Curdistám para apanhar estrelas* (autoeditado, 2012), um diário da viagem realizada polo autor para apresentar na Feira do Livro de Istambul a traduçom ao turco de *Made in Galiza* e para conhecer de primeira mao a repressom lingüística sobre a língua curda. Os desenhos realizados polo próprio Sende, numha viagem que também é familiar, convivem no livro com as anotaçons feitas a modo de diário, conversas e entrevistas, o conto "Um lugar de palavras" (publicado já em *Made in Galiza*) e os textos empregados nas palestras realizadas em Istambul e Amed (cidade do Curdistám).

A progressiva aposta no reintegracionismo é outra tomada de posiçom fulcral, materializada nas suas três últimas obras (*Animais*, *O caçador de bruxas*[31] e *Viagem a Curdistám*). Contodo,

---

autor, polos materiais de criaçom a ele incorporados (textos e desenhos, sobretodo) bem como polas referências a diversos tipos de atividades, coletivos ou a outros blogues.

31 *O caçador de bruxas* foi publicado em 2011 no selo de Ediçons do 13. Reconstrui, a modo de reportagem-ficçom, a viagem realizada polo narrador aos Estados Unidos para visitar Emilio Chaos, o dono da casa que quer comprar no Courel e protagonista dumha fascinante história vital atravessada polo exílio anti-franquista. Os livros das Ediçons do 13 pretendem acompanhar a atividade diária deste bar compostelano, de tal forma que fôrom apresentados no seu início como livros para

devemos levar em conta que mesmo dentro do reintegracionismo Sende tem um perfil específico, com certeza menos vinculado à vertente filológica ou filologicista do movimento (também, em boa medida, o reintegracionismo funciona como um movimento social) e mais atento à extensom social dos seus argumentos para a defesa e a promoçom do galego. Em entrevista concedida ao *Novas da Galiza*, Sende aclara as principais motivaçons desta viragem:

> O reintegracionismo passou a ser um movimento chave no processo de revitalizaçom da nossa língua. Cada vez torna-se mais evidente que marginar parte da irmandade do movimento normalizador porque escreve com letras diferentes é algo que nom nos podemos permitir. Eu depois de dar aquele passo aos 16 anos e pôr-me a falar galego desde o castelhano por razons de justiça social e por participar dum processo de desenvolvimento para o meu país a partir da nossa língua, alguns anos depois voltei dar um passo no mesmo sentido e passei para o lado da gente que defende a justiça social e os direitos civis e, também umha melhora social, cultural e económica para o nosso país a partir da nossa língua, desta vez escrita com NH, com todas as possibilidades do galego patrimonial e todas as oportunidades do galego internacional (*Novas da Galiza*, nº 123, 15 de fevereiro a 15 de março de 2013, p. 28).

Mais alá dos compromissos adquiridos na socializaçom de ideologias lingüísticas favoráveis ao galego, o ativismo social e literário de Sende deve ser vinculado com o ecologismo e, mais concretamente, com as experiências mobilizadoras que representárom na última década Nunca Mais e Galiza Non

---

serem lidos no próprio estabelecimento.

Se Vende. A respeito da primeira, participou na assembleia fundacional da Plataforma Contra a Burla Negra, agrupaçom de artistas organizada especificamente para a denúncia da catástrofe ecológica, política, social e económica causada polo afundimento do Prestige (novembro de 2002) e a gestom política do sucesso, e da qual Sende constituiu umha das suas caras visíveis desde os primeiros passos.

As atividades da plataforma constituírom, com certeza, um dos principais elementos dinamizadores do descontento social gerado na altura, reforçando por um lado a onda de protestos que conduziriam à saída de Manuel Fraga do poder em 2005 e, polo outro, a reativaçom com argumentos renovados da funcionalidade pública das pessoas dedicadas à literatura e à arte a respeito de processos de reivindicaçom política. Sem entrarmos agora na maior ou menor dependência tanto da Plataforma Nunca Máis quanto do movimento (popular) Nunca Mais (acho imprescindível esta distinçom) do roteiro desenhado polo nacionalismo institucional (quer dizer, sem entrarmos agora na maior ou menor autonomia deste movimento social a respeito da agenda política desenhada polo BNG), cumpre vincular esta experiência ativista com a publicaçom no ano 2004 do seu romance *Orixe* (Galaxia), após ganhar o XXII Premio Blanco Amor em 2003 (por proposta dum júri formado por Santiago Jaureguizar, Inma López Silva, Francisco Martínez Bouzas, Xosé Monteagudo e Manuel Quintáns Suárez).

A história de Mario Negro, um home que sofre umha vertigem que lhe impede olhar, andar e desenvolver umha vida

normal, cruza-se com a referência fragmentada dumha ditadura e dos processos de resistência encetados pola sociedade. Sem umha distinçom nítida entre estes dous planos, nos diferentes tipos de textos que compóm a obra (narraçons, diálogos, microrrelatos, manifestos, informes médicos...) convivem vários dos modelos repertoriais que podemos considerar como próprios da escrita de Sende, com papel central para umha trama simbólica conectada nalgum sentido com os acontecimentos sociais e políticos desenvolvidos por volta do naufrágio do Prestige. Pensemos, neste sentido, na leitura simbólica e política de determinados elementos e açons (como o Ditador ou a Cidade do Descanso Eterno e a sua destruçom), na incorporaçom do amor e da imaginaçom como armas contra a injustiça, ou na particular toponímia criada para o livro (Nunca, Máis, Aquí, Marinho...). Por nom falar na incontornável semelhança, mesmo que visual, entre O home do traxe de apicultor—protagonista coletivo da resistência, ataviado nas suas açons com o fato branco de apicultura— e as pessoas que trabalhárom na limpeza das praias lixadas polo chapapote.

Em sentido análogo, também entre a participaçom ativa de Séchu Sende nas açons da rede ecologista Galiza Non Se Vende e a escrita do poemário *Animais* (2010) podem ser estabelecidos determinados vínculos que permitam, inclusive, considerar a existência dum ciclo criativo ou poético. A estratégia neste caso (tal e como referido no texto 1), passa novamente pola produçom dumha discursividade simbólica que, com protagonismo principal da fábula, vincula o ecologismo com outros movimentos sociais e políticos como a defesa da língua e as reivindicaçons de classe e nacionais. Da vontade de intervençom do livro pode deixar

constáncia o seguinte facto: o que em *Orixe* se apresentou como um manifesto do Home do traxe de apicultor aparece em *Animais* como o poema "A produçom social dos sonhos":

Com os pés na terra caminha a minha sombra,
já sabes,
a realidade supera a ficçom.
Dim que na Galiza podemos olhar através da névoa
e que sabemos chamar os arco-iris.
Nós figemo-lo.
Falo contigo e contigo
e saúdo a quem passe por este verso.
Na fonoteca do futuro guardo os sons dos sonhos:
as palavras, as exclamaçons e o vento.
Era impossível imaginar o que está sucedendo,
dixemos.
Era impossível imaginar isto,
diremos.
Nom sei, dim
que talvez se cumpra umha parte proporcional dos nosssos sonhos
se os sonhamos juntos.
Necessitamos instruçons para sonhar ao mesmo tempo,
umha convocatória para sonharmos juntos à mesma hora,
um método para a produçom social dos sonhos.
Se fabricamos cuitelos em cadeia, por que nom Liberdade?
É o seguinte passo na evoluçom da espécie.
E conseguiremo-lo mirando-nos aos olhos.

Um último elemento que proponho considerar, a respeito do relacionamento entre trabalho literário e trabalho ativista na trajetória de Sende, é a sua promoçom como umha das caras visíveis da plataforma independentista Causa Galiza, que funcionou como tal plataforma entre 2005 e 2012. Sende apresentou, por exemplo, o lançamento do chamado Acordo Democrático Nacional, em dezembro 2010, e conduziu junto com a também escritora Andrea Nunes Brions o ato que encerrou a manifestaçom do 25 de Julho de 2011. Cumpre nom esquecer que, devido à fraqueza estrutural e organizativa e à exclusom da Causa Galiza —e, em geral, do independentismo galego— das instituiçons políticas, o seu funcionamento pode ser considerado análogo ao próprio dos movimentos sociais; inclusive no que tem a ver com umha maior permeabilidade aos discursos e às práticas produzidos polos movimentos feminista, ecologista ou anti-repressivo.

Se analisarmos as diferentes tomadas de posiçom efetuadas por Sende e o conjunto da sua trajetória, cumpre concluir um deslocamento recente para posiçons mais periféricas no campo literário. Pois embora nom parece fundamentado adjudicar-lhe a possessom em nengum momento dumha posiçom central, a consecuçom do Blanco Amor por *Orixe* e o sucesso editorial de *Made in Galiza* sim que lhe assegurárom a produçom dumha posiçom própria e o acesso a certos capitais dentro do campo. A esse processo de *periferizaçom* contribuiu de forma determinante a aposta no reintegracionismo, e disso dá conta, aliás, a recorrência a projetos editoriais como Através Editora ou Ediçons do Trece, ou à autoediçom, para a publicaçom das suas últimas obras.

Neste mesmo sentido, e dumha perspetiva de análise dos movimentos sociais e dos horizontes de eficácia sociopolítica que pode ativar a poesia, na trajetória de Sende percebe-se um paulatino desinteresse polas normas e polas regras de jogo especificas do campo literário e, polo contrário, umha predisposiçom crescente à participaçom ativa, através da criaçom e da dinamizaçom cultural, no campo dos movimentos sociais menos institucionalizados. A proposta de intervençom parece clara: a procura dumha efetividade tática, localizada no prazo curto e na comunicaçom direta com o público; o relacionamento com públicos e espaços nom específicos dos campos artísticos, mas com freqüência vinculados às dinámicas de produçom e participaçom próprias dos movimentos sociais; a atualizaçom dos princípios de comunicaçom e aprendizagem, a partir de critérios de horizontalidade, participaçom e intercámbio.

PARA UM ESTUDO CRÍTICO DAS REDES ESCARLATA

Em 2004, Pierre Bourdieu publicou o livro *Esquisse pour une auto-analyse* (Paris: Raisons d'Agir), onde desenvolve umha reflexom sobre a sua própria trajetória intelectual e académica, e onde entra a analisar as suas tomadas de posiçom (a respeito de teorias, correntes, escolhas académicas e políticas, etc.) da perspetiva que dá o passo do tempo. Na obra, como é norma no autor, demonstra umha prevençom exemplar contra as trampas da *illusio* biográfica, ao tempo que certifica o lugar necessário da reflexividade (sobre a posiçom e a trajetória próprias, as determinaçons institucionais, ou as relaçons com o campo do poder, etc.) na fundamentaçom dum trabalho científico rigoroso.

Sem pretender a realizaçom dum exercício similar ao do sociólogo francês (*non sum dignus*...) sim que acho de interesse conceder algumha importáncia aos trabalhos prévios realizados sobre as Redes Escarlata, como melhor forma de assentar umha proposta de investigaçom sobre o coletivo mais alargada. O sentido desta aclaraçom metodológica é evitar a aparente postulaçom dum modelo de análise *ex nihilo*, como se nunca me tivesse ocupado com anterioridade da poesia dos membros das Redes Escarlata e, o que seria pior, como se o que foi publicado antes nom tivesse nengumha relevância no trabalho presente ou como se pretendesse silenciar as perspetivas adotadas e, até, as imprecisons e os erros cometidos.

Obviamente, nom se trata de produzir conhecimento sobre mim próprio nem de considerar a trajetória pessoal como digna

de análise monográfica. O propósito é identificar os reptos que a crítica enfrenta quando se ocupa da poesia dos membros do grupo e, por outro lado, oferecer diferentes perspetivas para umha investigaçom integral das Redes Escarlata que, apesar da sua relativa centralidade no sistema literário galego, ainda nom foi desenvolvida no campo académico.

Embora num trabalho anterior abordei o desenho das pautas para umha crítica literária baseada nas teorias sistémicas ["Teorias sistémicas e crítica de poesia em espaços de conflito cultural"], interessa-me agora fazer referência a outros conceitos e linhas de pensamento para complementar o dito nesse texto. Considero, em primeiro lugar, a noçom de *transferência*, que no quadro teórico desenvolvido por Dominick LaCapra, pesquisador especializado nos vínculos entre história, experiência e constituiçom de identidades, permite analisar as questons da subjetividade e da objetividade no trabalho teórico e investigador. LaCapra estuda tanto o necessário posicionamento teórico-metodológico e social da pessoa que realiza esse trabalho (um posicionamento com freqüência subordinado por razons de género, sexualidade, idioma ou nacionalidade) quanto os processos transferenciais que se produzem entre pessoas (investigadorxs e personagens históricas, por exemplo), a respeito de determinadas instituiçons, do que o autor denomina "abstraçons catécticas" (como a naçom, um processo político ou umha ideologia) ou, significativamente, em relaçom à repetiçom no discurso próprio de aspetos do fenómeno que está a ser estudado[40].

40 Dominick LaCapra. *Historia en tránsito: experiencia,*

Alguns exemplos ilustrativos desta noçom de transferência podem ser tirados das recensons críticas elaboradas previamente por mim sobre livros das Redes Escarlata. Assim, no texto dedicado ao livro *Materia* de Antón Dobao, percebe-se a identificaçom com determinados repertórios incorporados pola obra, basicamente no nível ideológico e a respeito de elementos como a consciência de classe ou o alinhamento na esquerda política ("vítimas da memória histórica que a maioria conhecemos", "a construçom dumha outra cidade para sermos livres"). Estratégias análogas de transferência poderiam ser salientadas nas recensons de *Derradeiras conversas co capitán Kraft* (2007), de Oriana Méndez, ou *Crac* (2011), de Gonzalo Hermo, em relaçom a elementos discursivos e também ideológicos. Nos dous textos pode ser analisado, por outro lado, de que modo transferência e vontade legitimadora adoitam ir de maos dadas e, aliás, em que medida este tipo de estratégia se combina com determinadas escolhas discursivas e elocutivas por parte de quem realiza a crítica (escolhas distanciadas, nalgum sentido, da linguagem especializada da academia).

O que envolve esta ideia de *transferência*, junto com as caraterísticas do que Arturo Casas denominou como *crítica vicária* ou dos fatores salientados por Antón Figueroa para caraterizar os processos de leitura e receçom em contextos diglóssicos, constituem alguns dos pontos de interesse que serám levados em conta no desenvolvimento desta reflexom sobre as Redes Escarlata e, mais concretamente, sobre as formas de enfrentar o

---

identidad, teoría crítica. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008 [2004].

seu trabalho dumha perspetiva crítica e investigadora[41]. Os dous autores abordam dalgum modo a admissom de critérios diferentes aos estéticos no estudo ou avaliaçom crítica dumha obra, como os relacionados com o nível lingüístico, a funcionalidade em processos de construçom identitária, a achega para a normalizaçom ou a resistência dumha cultura em risco ou, entre bastantes outras possibilidades, o valor etnográfico, antropológico, testemunhal, etc.

A respeito dos fatores ou condicionantes que acabam de ser salientados é importante dilucidar em que medida afetam os três processos que tradicionalmente fôrom vinculados com a crítica —a impressom, a interpretaçom e a avaliaçom— e, para além disto, como se relacionam com a convencional distinçom entre crítica jornalística e crítica académica. Polos meios em que se desenvolve e polos objetivos que se lhe supóm, parece razoável vincular a crítica jornalística mais com a impressom e com a avaliaçom do que com a fase de interpretaçom. Sobretodo se consideramos esta última como o resultado do confronto do processo de leitura com argumentaçons estéticas, teóricas e hermenêuticas, como tendente à superaçom do formato "recensom" e, em definitivo, como procedimento mais afim à crítica académica.

Fora destes razoamentos básicos, nom resulta doado estabelecer umha distinçom taxativa entre crítica jornalística e

41 Arturo Casas. "A crítica académica da literatura galega: perspectivas e propostas". *Escrita*. Monográfico *A crítica literaria galega*. Ediçom Xosé Manuel Eyré, María Xesús Nogueira e Olivia Rodríguez, 2008, pp. 29-42. / Antón Figueroa. *Diglosia e texto*. Vigo: Xerais, 1988.

crítica académica no campo cultural galego. Em primeiro lugar, porque devido à própria fraqueza estrutural do campo nom se percebe umha distribuiçom clara dos papeis a desenvolver por cada umha, ainda que existam publicaçons que em princípio vincularíamos a umha categoria ou a outra. Mas, por entrar em exemplos concretos que sirvam para ilustrar as dificuldades de quem analisa: podemos considerar toda a crítica desenvolvida na revista *Grial* —fundamentalmente na secçom de recensons, mas nom só— como crítica académica? Em sentido contrário, encaixa sem problemas o tipo de crítica desenvolvida no suplemento *Protexta* (revista *Tempos Novos*) nos limites da crítica jornalística?

Por acrescentar mais um elemento para a análise, cumpre estudar em que medida o modelo da normalizaçom (lingüística e cultural) condicionou as práticas e o desenvolvimento dumha crítica literária galega. De acordo com ideias agora introduzidas, a aposta no modelo normalizador implicou na atividade crítica umha espécie de moderaçom da sua funçom avaliadora (umha "nivelaçom dos textos", na terminologia de Figueroa), supeditada à mais decisiva importáncia da divulgaçom e da construçom do sistema (e do "país", por extensom). Dumha perspetiva sistémica, este modelo de crítica normalizadora interessa aliás como aparente suspensom dos conflitos que fam funcionar um sistema (dito doutro modo: das posiçons que configuram um campo de tensons), de tal forma que frente à possibilidade de estabelecer diferenças entre modelos ou de distinguir entre elementos mais centrais e mais periféricos, se prefere a simples celebraçom da diversidade —a suposta necessidade, assim verbalizada, de "encher os vazios" da literatura e da cultura galegas— ou inclusive a planificaçom do

heterodoxo e do marginal (como no caso de Lois Pereiro no ano 2011).

A respeito deste tipo de debates, umha das questons fundamentais para a delimitaçom dos possíveis perfis críticos para a literatura galega tem a ver com o uso que se fai do que noutro momento denominei "margem crítica" (a margem que permite definir umha posiçom própria na atividade crítica, baseada na análise e potencialmente rendível para a planificaçom social e cultural). Quer dizer, pensar em que sentido a crítica fixa como objetivo a contribuiçom à normalizaçom cultural, a legitimaçom ou deslegitimaçom de determinados repertórios, a intervençom na administraçom dos capitais (simbólicos, normalmente, se falamos em crítica de poesia) que estám em jogo no campo e/ou a planificaçom sobre repertórios e modelos de sistema. Sem esquecer a importáncia do tipo de argumentaçom que se emprega em cada caso, por quanto a margem crítica agora mencionada pode ser elaborada através do confronto com gostos, opinions ou preconceitos pessoais ou, noutros modelos, da introduçom de argumentos de caráter estético, ideológico ou, simplesmente, analítico.

Algumhas destas reflexons podem ser ampliadas a partir dos trabalhos prévios sobre as Redes Escarlata, por exemplo das recensons realizadas dos livros de X. L. Méndez Ferrín. Nos textos dedicados a *Era na selva de Esm* e *Contra Maquieiro* parece inegável que se misturam os critérios mais propriamente analíticos, dumha perspetiva pretensamente sistémica, com critérios baseados na opiniom sobre agentes e processos do sistema cultural galego e,

inclusive, no confronto com determinadas posiçons pessoais. Nos dous textos, aliás, parece que a margem crítica se concretiza num aproveitamento do capital simbólico de Méndez Ferrín para a produçom de determinado efeitismo —em estratégia prototípica de quem é consciente de que atua na periferia— bem como para a impugnaçom de autoridades, consensos e argumentos incorporados ao *habitus* do campo.

Acho de mais interesse, contodo, contrastar esta determinada posiçom sobre a figura de Ferrín com as estratégias críticas adotadas na recensom do livro homenagem (*A semente da nación soñada*). Neste caso, a crítica pretende alicerçar-se na descriçom analítica, na produçom de debates em torno deste autor e, também agora como impugnaçom do tratamento crítico e historiográfico construido em torno dele, na proposta de modelos de análise e pesquisa que se consideram mais produtivos.

A mesma linha de conectar a crítica com a postulaçom de modelos —atualizados, se se quiger— para a produçom de conhecimento, comparece também na recensom de *Cero*, o segundo poemário de Oriana Méndez, por quanto o texto pode funcionar como programa condensado dum determinado modelo de crítica. O próprio título da recensom ("Sistema, ficçom, rizoma, linguagem") fala tanto ou mais dos procedimentos de abordagem crítica quanto dos elementos repertoriais (temático, estilístico, ideológico, discursivo, compositivo) dos quais está composto. Hai outras duas questons a respeito deste texto que talvez nom carecem de interesse. Por um lado, perguntar-se pola *transferência* que se estabelece entre o programa poético e o programa crítico, e

nom só no sentido de que se sugira a necessidade de ferramentas específicas para a análise (umha crítica literária sistémica, umha crítica literária nómade...), mas também no sentido de que a validaçom do segundo parece implicar a aprovaçom, a sançom positiva, do primeiro. Por outro lado, e se levarmos em conta que o texto foi publicado no *Protexta* e ao lado dumha entrevista a Oriana Méndez, procede perguntar-se também em que proporçons umha proposta destas caraterísticas participa da crítica jornalística e da crítica académica.

Sem entrarmos a valorizar agora de forma conjunta os textos críticos produzidos sobre os livros das Redes Escarlata, por exemplo a respeito dos contrapesos estabelecidos entre impressom, interpretaçom e avaliaçom, do diálogo com modelos teóricos e analíticos ou das estratégias discursivas e retóricas ensaiadas, — isso nom é exatamente o que interessa, como já ficou dito—, sim que é oportuno como operaçom prévia à proposta de linhas de pesquisa mais alargadas, reparar naqueles elementos que fôrom introduzidos com maior freqüência nos textos. Som os seguintes:

- A referência às coordenadas criadoras, intelectuais e ideológicas do coletivo, das Redes Escarlata como grupo ativo no sistema literário galego. Apesar da sua apariçom recorrente, nom se concede tanta importáncia a este elemento (ou nem sequer se menciona) nos textos referidos axs poetas mais centrais (mais reconhecidxs, com maior capital simbólico) do grupo: Méndez Ferrín e Chus Pato.

• O emprego da terminologia e da metodologia de análise das teorias sistémicas. Com maior ou menor profundidade, comparece sempre umha referência quer ao "campo" quer ao "sistema" literário —ou cultural— galego, junto com o estabelecimento de hipóteses sobre posiçons e trajetórias, sobre centros e periferias e sobre repertórios.

• A alusom à reflexom sobre a linguagem e a postulaçom de novos modelos discursivos, como umha das preocupaçons fundamentais dxs poetas do grupo no nível repertorial.

Ao lado destes três elementos, acho necessário colocar outras linhas de pesquisa complementárias a respeito das Redes Escarlata. Referem-se, concretamente, às noçons de intelectual e de vanguarda representadas polxs membros do coletivo, aos horizontes de intervençom e eficácia social e política que prevêm as suas propostas literárias e, finalmente, ao tipo de repertórios que podem ser vinculados com a atividade do grupo.

Intelectuais e vanguarda

Nom resulta fácil definir o modelo de intelectualidade que as Redes Escarlata venhem representando na última década no campo cultural galego. Em primeiro lugar, porque nom hai um único perfil de intelectual que poda abranger a atividade de todos os membros do grupo e, em segundo lugar, porque a diversificaçom de espaços em que participam nom aconselha umha reduçom deste tipo (a esta mesma ideia de trabalho colaborativo e coordenado, mas parcialmente autónomo, parece aludir a ideia de "rede" presente no nome do grupo).

Sim que é importante, em todo o caso, o grupo, a sua constituiçom e a difusom social do seu projeto. O manifesto fundacional e o texto de apresentaçom inserido na sua pagina web, de abril e maio de 2001 respetivamente, demarcam uns princípios tanto de funcionamento (assemblear, aberto, dinámico, nom excludente) quanto ideológicos (nacionalista, de esquerda, crítico com o espanholismo e o neoliberalismo, continuador da trajetória histórica do galeguismo, resistente, etc.) e deve ser entendido, inescusavelmente, na correlaçom com as posiçons postuladas pola Frente Popular Galega no ámbito político e pola Central Unitaria de Traballadores/as no plano sindical[42]. Por palavras de Chus Pato, as Redes Escarlata aspiravam a constituir um modelo de *frente cultural*, de acordo com programas da esquerda revolucionária desenvolvidos noutros contextos:

> A FPG decidiu constituír unha desas antigas frontes culturais (...). O noso plan era abrir un espazo de intervención política e cultural. Durante un tempo cumpriu un papel moi importante.

42 Da unidade de açom entre umhas plataformas e outras podem dar conta, a título simplesmente ilustrativo, as candidaturas apresentadas pola Frente Popular Galega a várias convocatórias eleitorais. Se pegarmos nas listagens propostas para as eleiçons autonómicas de 2005, na seqüência da campanha que tivo como slogan "Ferrín e Abalo ao Parlamento!", podemos comprovar umha presença avondosa de escritorxs (assim apresentadxs na campanha de difusom das candidaturas) e outros agentes culturais, todxs elxs vinculadxs às Redes Escarlata. Entre elxs: Chus Pato, Claudio Pato (Ourense), Catuxa López Pato, Antón Dobao, Francisco Sampedro (Corunha), Xosé Luís Méndez Ferrín (Ponte Vedra), Darío Xohán Cabana (Lugo).

> As Redes coincidiron co Prestige e foi unha fusión fenomenal. É certo que o que máis se visibilizou foi o grupo poético... ("O esencialismo foi o que destruíu a miña xeración política". Entrevista realizada por Aurelio Castro. *Protexta*, 7 (2008), p. 19).

A estrutura em rede e a declarada política de nom exclusom parece estar relacionada com a impossibilidade de estabelecer umha nómina fechada e definitiva de integrantes do coletivo, embora por outros meios podamos aceder a listagens mais ou menos amplas de pessoas comprometidas com o projeto, com todas as mudanças que poder haver a este respeito numha trajetória de já mais de dez anos. Neste sentido, cumpre conceder certa importáncia ao volume coletivo *Xuro que nunca volverei pasar fame. Poesía escarlata* (Difusora de letras, artes e ideas, 2003), que recolhe os contributos de vinte e quatro poetas e cuja gestaçom está relacionada com a série de intervençons artísticas propostas polo coletivo durante a crise do Prestige[43]. Embora o

43 Participam no livro Oriana Méndez, Iago Castro, Isaac Xubín, Xavier Castro, Alberto Momán, Óscar Antón Pérez García, Raúl Gómez Pato, Xavier Cordal Fustes, Antón Dobao, Claudio Pato, Anxo Angueira, Manuel Seixas, Antón Lopo, Pilar Beiro, Carme Carballo, Xoaquín Silva, Chus Pato, Asun Arias, Darío Xohán Cabana, Manuel Vidal Villaverde, Francisco Domínguez Romero, Xosé Luís Méndez Ferrín, Ramón Lorenzo e Luz Fandiño. A orde dxs poetas é a mesma que recolhe o livro, que parece atender um critério cronológico (da poeta mais nova, nascida em 1984, à mais velha, nascida em 1931). O prólogo do volume vai assinado por Antón Figueroa.

livro foi entendido como umha apresentaçom das Redes Escarlata como coletivo poético, a iniciativa nom tivo continuidade em projetos do mesmo tipo.

Mas se o suporte editorial nom foi decisivo para o grupo (ainda que sim serviu, obviamente, para o desenvolvimento da obra individual dos membros do coletivo), quais fôrom os modelos de intervençom poética preferidos polas Redes Escarlata?

A este respeito, cumpre fazer umha mençom específica do papel desenvolvido pola Internet como meio de criaçom poética e de produçom discursiva. O endereço www.redesescarlata.org funcionou desde o começo como um dos suportes fundamentais da atividade do coletivo, relacionada ou nom com a poesia, e como o seu principal centro de difusom. Neste sentido, vale a pena mencionar iniciativas de diferente perfil, nom todas acessíveis na rede hoje, como a publicaçom periódica *Espasmos*, o *Kit poético de denuncia* contra Manuel Fraga —que convidava a subscrever on-line o poema "texto colectivo pola dignidade // FRAGA, / CABRÓN / LIMPA / O CHAPAPOTE"— ou o espaço *Bitácora Escarlata* desenvolvido no mesmo sítio web.

Um segundo modelo de intervençom importante na trajetória das Redes Escarlata é o representado polas práticas relacionadas com a performatividade, entendido este conceito num sentido alargado. É o que se deduz da mais ou menos constante atividade do grupo na seqüência dos protestos contra a gestom política do naufrágio do Prestige, com freqüência presente nos próprios lugares do conflito e nas mobilizaçons populares; mas também das performances coletivas programadas em diversos pontos do país

—com protagonismo específico de membros como Antón Lopo ou Claudio Pato, e sobretodo nos primeiros anos de funcionamento do coletivo—, da organizaçom de recitais de carácter mais ou menos grupal ou, mais recentemente, da participaçom no Festival da Cultura Proletaria organizado desde o ano 2010 pola Central Unitaria de Traballadores/as. Igualmente significativa para a atividade poética do grupo podemos considerar a entrada em andamento, no ano 2011, da Asociación Cultural Bou Eva de Vigo, em cujo centro social som desenvolvidas com freqüência atividades relacionadas com as Redes Escarlata e nas quais tenhem um maior protagonismo alguns dos membros mais novos, como Oriana Méndez, Elvira Riveiro, Xabier Xil Xardón, Silvia Penas ou Gonzalo Hermo.

Para umha análise mais abrangente do grupo é necessário estudar em que medida as práticas agora mencionadas —produçom dum discurso interativo na rede e performatividade— se combinam com as próprias doutros modelos de intervençom sociocultural menos inovadores. Essa combinaçom existe e, relativamente à reproduçom de práticas associadas a modelos já ensaiados em décadas precedentes, na trajetória das Redes Escarlata nom foi infreqüente a produçom de determinados textos para marcar posiçom a respeito de questons de alcance social, fundamentalmente de manifestos ou comunicados difundidos através da rede, mas também dum modo indireto mediante o apoio de textos abaixo-assinados, quer como coletivo quer mediante o apoio individual das figuras mais reconhecíveis do grupo.

Sem entrar neste momento na confiança que o coletivo deposita neste tipo de práticas como *efetivamente* participantes em dinámicas de transformaçom social, parece inegável que os modelos do intelectual comprometido, o do escritor/poeta com autoridade e legitimidade para a intervençom no espaço público —bem através da sua própria obra bem através de tomadas de posiçom concretas no campo político—, o da conformaçom dum grupo de vanguarda capaz de iniciar processos de mudança social, conservam algum tipo de relevância no interior do coletivo. Sem que, por outro lado, se poda associar esta tendência com pessoas dumha determinada idade ou dumha determinada adscriçom geracional, por mais que se trate, como ficou anotado, dum grupo intergeracional e de filiaçom aberta e dinámica.

Um dos aspetos mais sugestivos para entrar a analisar o peso desta ideia —mais *clássica*, se quigermos— do compromisso político no funcionamento das Redes Escarlata é o seu relacionamento com o magistério que Xosé Luís Méndez Ferrín exerce no grupo. Deste magistério fala a própria escolha do nome do coletivo, alusiva ao seu romance *Bretaña, Esmeraldina* (1987), bem como o reconhecimento público professado por outros membros (visível em contributos como os de Xabier Cordal, Xosé-Henrique Costas, Darío Xohán Cabana, Antón Dobao, Francisco Fernández Rei ou Francisco Sampedro para o livro homenagem *A semente da nación soñada*), a replicaçom dos seus repertórios poéticos num número significativo de autorxs do grupo, os trabalhos teóricos e críticos realizados sobre a sua trajetória literária (especialmente os elaborados por Anxo Angueira, incluída a sua tese de doutoramento, mas nom só) ou, em definitivo, os comunicados e

artigos de opiniom diretamente relacionados com a sua figura[44]. Dalgumha maneira, o modelo de intelectualidade representado polas Redes Escarlata parece constituir-se na tensom entre um modelo em rede, descentralizado, disposto a umha intervençom coletiva e plural, e este outro modelo que, com base na ideia do compromisso político, na postulaçom dumha vanguarda artística e política e no reconhecimento de determinadas autoridades, acaba de ser perfilado.

Mas para um estudo mais completo da questom cumpre levar em conta ainda outras variáveis. Umha das mais importantes tem a ver com as relaçons estabelecidas entre intelectualidade e instituiçons culturais. Para o caso galego, como para muitas outras tradiçons definidas pola sua condiçom marginal, periférica ou subalterna, nom foi infreqüente a assunçom dumha estratégia anti-institucional perante entidades representantes da oficialidade ou, em todo o caso, de processos de construçom cultural a respeito dos quais se mostrava algum tipo de desacordo[45]. Esta foi umha das posiçons prototípicas dos intelectuais vinculados ao nacionalismo galego nas primeiras décadas da Autonomia

44 Merece a pena mencionar, a este respeito, o comunicado "E Ferrín marchou da Academia", redigido na seqüência da demissom de Ferrín como presidente da Real Academia Galega em março de 2013, como apoio à sua gestom e como tomada de posiçom no conflito de elites que provocou a mudança na direçom da instituiçom.

45 Xoán González-Millán desenvolveu esta idea en "A institucionalización do discurso literario galego (1975-1990)" (*Tropelías*, 2, 1991, pp. 49-69) e *Literatura e sociedade en Galicia (1975-1990)* (Vigo: Xerais, 1994).

galega, materializada, por exemplo, no rejeitamento que o próprio Ferrín fijo do Premio Álvaro Cunqueiro, outorgado pola Xunta de Galicia, em 1983; ou no boicote realizado no mesmo ano à figura de Domingo García-Sabell, na altura presidente da Real Academia Galega (RAG) e delegado do Governo espanhol na Galiza, polo recurso de inconstitucionalidade apresentado contra a Lei de normalización lingüística.

Umha análise em perspetiva histórica permite-nos falar, por outro lado, da transiçom desta estratégia de resistência ou anti-institucional para umha luita polo controlo das principais instituiçons da cultura galega[46]. Para o caso das Redes Escarlata importa especialmente a análise do acontecido na RAG nas últimas duas décadas, com a incorporaçom de vários dos seus membros ligados ao Instituto da Lingua Galega, a entrada de Ferrín no ano 2000 após vários anos de renúncia e o seu posterior acesso à presidência ou, entre muitos outros fatores, o ingresso na instituiçom dalguns outros membros significativos como Darío Xohán Cabana. Mais do que umha análise de factos e processos concretos, para a que nom hai espaço, em relaçom a esta questom interessa principalmente a incorporaçom do argumento do patriotismo, da lealdade (histórica, nacional) como justificaçom da participaçom nas instituiçons; e nom só na RAG, mas também noutras entidades como a Fundación Rosalía de Castro, da qual

46 Cristina Martínez e Lucia Montenegro avançárom sugestivas linhas de pesquisa sobre esta questom, num artigo que aborda a trajetória do Pen Clube com motivo da entrega dos seus prémios anuais ("O Pen Clube entrega os premios Rosalía", *Protexta*, 20, 2013, pp. 16-17).

Anxo Angueira assumiu a presidência em 2012[47].

Pola própria natureza destas instituiçons, o trabalho no seu interior intervém de forma direta num dos assuntos que, falando em construçom cultural, tradiçom literária ou história, mais debates tem ocasionado no ámbito da literatura e da poesia: o cánone. Assim, em que medida as Redes Escarlata respaldam a ideia de cánone promovida nas tradiçons literárias ocidentais (quer dizer, umha ideia de cánone vinculada à hierarquizaçom dos produtos culturais, à reproduçom dos valores —estéticos, discursivos, ideológicos, etc.— hegemónicos numha comunidade ou à participaçom na construçom nacional e identitária através de disciplinas como a História e a Crítica literárias)? Por outro lado, que atençom prestou o grupo às posiçons críticas postuladas já no último terço do século XX a respeito do cánone, por exemplo nos estudos feministas, pós-coloniais e da subalternidade? De que modo estas fôrom assumidas por aqueles membros do grupo mais afins aos postulados teóricos relacionados com a pós-modernidade e com a quebra dos grandes relatos?

Ainda que certa confiança na necessidade dum cánone parece evidente nas posiçons defendidas polas Redes Escarlata —em dependência, com certeza, dum modelo de construçom identitária vinculado aos preceitos ideológicos, epistemológicos e

47 Pode ler-se, a respeito deste assunto, a entrevista concedida por Anxo Angueira ao *Faro de Vigo* em 30 de maio de 2012, com a seguinte manchete: "Me presento al cargo por puro patriotismo cultural". Pode ser consultada em: http://www.farodevigo.es/sociedad-cultura/2012/05/30/presento-cargo-puro-patriotismo-cultural/652836.html

historiográficos surgidos em Europa da tensom entre Romantismo e Ilustraçom no tránsito do século XVIII e XIX—, nom seria prudente ignorar a pegada de determinados programas filosóficos convencionalmente ligados à pós-modernidade que pode ser percebida na poesia de Claudio Pato, Chus Pato, Antón Lopo ou Gonzalo Hermo. A respeito do cánone, a reflexom deste último é a mais explícita e conseqüente, ao adotar a etiqueta da Escola do Ressentimento —proposta de forma pejorativa por Harold Bloom para se referir às posiçons críticas com a sua ideia de cánone sustentada nuns valores estéticos universais— como argumento para definir a sua própria poética. É nesse sentido que deve ser entendido a poética "Escola do resentimento" incluída em *Crac* (2011) ou o blogue de crítica e pensamento sobre poesia *Tomando notas nunha escola para resentid@s* (http://escoladoresentimento.blogspot.com.es/) que mantém na rede desde abril de 2013.

A reflexom sobre o modelo de intelectualidade representado polas Redes Escarlata deve ser relacionado, aliás, com a maior ou menor confiança depositada na constituiçom dumha vanguarda poética que, no seu relacionamento com umha vanguarda política correlativa, seja eficaz na ativaçom de processos de transformaçom social. A aposta pola poesia como género, a autorrepresentaçom como grupo formal, o alto grau de coesom intragrupal desenvolvido polo coletivo (em prólogos, lançamentos de livros, resenhas ou artigos de opiniom) ou, entre bastantes outros elementos, os vínculos diretos com a atividade política da Frente Popular Galega parecem demonstrar nom só certa confiança na viabilidade dumha vanguarda poética galega mas, noutro sentido, a autoperceçom de que som as Redes Escarlata as que representam esta posiçom.

Sem esquecer, e isto é central para esta questom, a recorrência com que o próprio Ferrín filiou o seu programa de intervençom literária à conhecida máxima estabelecida por Mao Zedong (Foro de Ien-an, 1942) a respeito da necessária convergência entre vanguarda literária e vanguarda política, reconvertida polo próprio Ferrín, bem como por outrxs autorxs, na melhor prevençom contra as compreensons menos dinámicas do compromisso literário, contra a importaçom de modelos repertoriais foráneos —como o da poesia social espanhola de meados do século XX— e, especialmente, contra a postulaçom do didatismo literário como melhor estratégia para umha intervençom social eficaz.

Eficácias e repertórios

Tensons análogas às que fôrom identificadas para definir o modelo de intelectualidade (e vanguarda) representado polas Redes Escarlata comparecem à hora de definir com detalhe os repertórios poéticos desenvolvidos polo grupo e as suas estratégias de açom cultural e política. A distinçom entre diferentes tipos de efetividade (tática e estratégica, de acordo com Jordi Claramonte) e entre diferentes prazos de intervençom (a imediatez da açom direta e da performance, o prazo médio ou longo da intervençom nos repertórios dumha tradiçom poética) oferece algumhas vias rendíveis para enfrentar esta questom.

De acordo com o explicado anteriormente, a aposta das Redes Escarlata, sobretodo nos seus primeiros anos de existência, em propostas de caráter performativo (nesse sentido alargado que inclui recitais, espetáculos artísticos e poético-musicais, participaçons

em eventos de mobilizaçom ou em lugares de conflito) demonstra certo interesse pola procura dumha efetividade tática, ligada a processos e experiências concretas de movimentaçom que aspiram à modificaçom mais ou menos imediata dumhas circunstáncias dadas. É nesse sentido que pode ser entendida a participaçom ativa das Redes Escarlata no significativo evento musical e literário "Un canto de autor por Galicia" organizado em Compostela (21 de janeiro de 2003) na seqüência da mobilizaçom popular do Nunca Mais; mas também intervençons mais recentes, e dum caráter só parcialmente público, como a leitura por parte de Anxo Angueira do poema "Co metal" na assembleia dxs trabalhadorxs deste setor em Vigo, em 18 de junho de 2009, após Camilo Nogueira dar leitura ao manifesto "A história está a ser escrita nas ruas de Vigo".

Mas se pode ser reconhecido um ámbito em que o protagonismo das Redes Escarlata foi central esse é o da construçom dumha linguagem poética para a literatura galega contemporánea, alicerçada nos princípios de exigência estética consubstanciais à vanguarda e no diálogo com os discursos produzidos na cena internacional. Umha primeira referência está constituída por todo o que vem representando a trajetória de Ferrín, materializada na reproduçom dos seus repertórios e, inclusive, na produçom de obras e poéticas que mesmo poderiam ser consideradas já epigonais. Mas à mesma altura pode ser considerado o diálogo estabelecido com os debates e alternativas representadas na poesia europeia desde meados do século XX, epitomada num primeiro instante pola conhecida pergunta de Walter Benjamin a respeito da possibilidade de escrever poesia após Auschwitz e na consagraçom de poéticas como a de Paul

Celan, mas que foi reconduzida em poéticas como as de Chus Pato, Claudio Pato, Oriana Méndez, Raida Rodríguez ou Gonzalo Hermo para o diálogo com referentes centrais da filosofia europeia contemporánea —preocupados especificamente polas variáveis que afetam as relaçons entre escrita, pensamento e açom política— como Jacques Derrida, Gilles Deleuze ou Giorgio Agamben.

A atualizaçom permanente da linguagem poética de acordo com este tipo de critérios, bem como a consideraçom da obra como testemunho histórico-literário que dinamiza e reforça a tradiçom literária própria, constituem o tipo de estratégias que devem ser consideradas já nom num horizonte de intervençom imediato, senom na ativaçom dumha eficácia de prazo longo e mais na constituiçom de referentes aproveitáveis no processo de mudanças culturais, sociais e políticas. Todo o dito a respeito da vanguarda, da linguagem e do seu horizonte pragmático pode ser relacionado, aliás, com as estratégias tendentes à constituiçom dum campo literário autónomo. Vale a pena contrastar com a atividade das Redes Escarlata as principais estratégias deste tipo identificadas por Antón Figueroa no seu livro mais recente: a reflexividade sobre a própria atividade artística, o desenvolvimento dum *desejo de teoria* com projeçons específicas no trabalho de criaçom e, entre outras, o diálogo significativo com agentes e processos literários doutros campos nacionais. Esta última circunstáncia pode, em última fase, conduzir a umha homologaçom e a um reconhecimento em perspetiva internacional (para o o trabalho literário, para o campo e, em última análise, para a naçom)[48].

48 Antón Figueroa. *Ideoloxía e autonomía no campo literario*

Praticamente todos os fatores agora anotados, e a maior parte das ideias apontadas a respeito da ideia de vanguarda e dos projetos para a elaboraçom dumha linguagem poética contemporánea, acham algum tipo de referência na trajetória de Chus Pato, sem dúvida a autora com maior reconhecimento internacional da poesia galega na atualidade. Para além do que a sua poesia mostra, ou do que a autora tem expressado em entrevistas e respostas a questionários, umha boa mostra do que se quer indicar com a alusom às ideias de reflexividade e desejo de teoria acima mencionadas está representada polo livro *Secesión* (2009), apresentado pola própria Chus Pato como guia de leitura para os seus textos (propriamente) poéticos e que indaga em várias das questons que fôrom colocadas a respeito das coordenadas gerais do grupo.

Do reconhecimento da sua produçom poética, por outro lado, falam as traduçons a outras línguas e a exportaçom da sua obra a outros campos literários, a sua participaçom em reconhecidos festivais e eventos poéticos dentro e fora da Galiza, bem como a sua progressiva consagraçom como objeto de estudo para a pesquisa universitária, e nom apenas na universidade galega[49]. O desafio

galego. Ames: Laiovento, 2010.

49 Xosé Manuel Trigo traduziu ao castelhano *Heloísa* (Madrid: Ediciones La Palma, 1998), publicado originariamente em 1994; Iris Cochón elaborou umha antologia bilingüe galego-castelhano da sua obra: *Un Ganges de palabras* (Málaga: Puerta del Mar, 2003); umha versom em castelhano de *m-Talá* foi publicada em Buenos Aires, com traduçom de Teresa Arijón e Bárbara Belloc (pato en la cara, 2009). A mais

crítico a este respeito é avaliar a forma em que estes processos produzem algum tipo de eficácia sociopolítica, com que condiçons e em que prazos. Por isso, parece necessário incorporar também ao estudo do caso Chus Pato umha análise detalhada de agentes, processos, instáncias e mediaçons institucionais que tenhem participado no seu processo de legitimaçom e consagraçom. Inclusive a participaçom de instituiçons que com freqüência tenhem condicionado o relacionamento entre o campo cultural galego e outros campos culturais e, ainda mais concretamente, as dificuldades para superar a mediaçom interposta do campo cultural espanhol através de entidades como o Instituto Cervantes[50].

---

recente versom em castelhano da sua obra correu por conta de Ana Gorría, que traduziu *Hordas de escritura* e *Secesión*, publicados num único volume por Ediciones Amargord (Madrid, 2012). A traduçom das suas obras ao inglês foi realizada pola escritora galego-canadiana Erin Moure: *From m-Talá* (Vancouver: Nomados, 2003), *Charenton* (Exeter e Ottawa: Shearsman Books e Buschek Books, 2007) e *m-Talá* (Exeter e Ottawa: Shearsman Books e Buschek Books, 2009). Versons da sua poesia, sem constituírem a traduçom de livros completos, fôrom realizadas a muitas outras línguas europeias. Participou, entre outros, nos festivais de poesia de Barcelona, Rosario, La Habana, Buenos Aires ou Rotterdam. Arturo Casas e Iris Cochón (da Universidade de Santiago de Compostela) e Helena González (da Universitat de Barcelona) som dxs investigadorxs que mais atençom tenhem prestado à sua obra.

50 A este respeito, Chus Pato declarava em 2007: "[a difusom dos poetas galegos no exterior deve-se] a contactos persoais. A un azar. A persoas que se namoran da obra doutras persoas e as promocionan (...) As conferencias que vou dando polo mundo son grazas ao Instituto Cervantes. Aquí ninguén fai

Um último desafio teórico e crítico que quero assinalar tem a ver com a possibilidade de estabelecer algum tipo de correlaçom entre repertórios e efetividades. A intervençom performativa no espaço público —físico, concreto, neste caso— exige a encenaçom de determinados repertórios (temáticos, discursivos, elocutivos, retóricos)? Que tipos de distribuiçom tendem a estabelecer xs poetas das Redes Escarlata segundo horizontes e prazos de intervençom, segundo estejamos a falar dum livro, dum recital ou dumha performance coletiva? Que resultados oferece a combinaçom de repertórios propriamente literários com repertórios incorporados da música, do teatro, da dança ou doutras disciplinas artísticas?

A respeito deste tipo de questons parece plausível relacionar a fórmula do recital/recitado com a incorporaçom dos repertórios mais evidentemente reconhecíveis do padrom ferriniano, orientados quase sempre —por exemplo nas propostas desenvolvidas neste ámbito por Anxo Angueira ou os mais novos Xabier Xil Xardón e Brais González— a leituras épicas e de fundamentaçom comunal (referidas fundamentalmente à naçom e às classes trabalhadoras, como elementos para os quais ou por voz dos quais se fala). Do mesmo modo que poéticas como as de Claudio Pato, Chus Pato, Oriana Méndez ou Elvira Riveiro, tampouco infreqüentes em eventos poéticos públicos, parecem dificilmente redutíveis a coordenadas pragmáticas como as acima

---

nada: as editoras, no eido poético, non se nota que promocionen a ningún autor novo "] (A. R. López, "As poetas galegas rompen as barreiras das traducións", *Galicia Hoxe*, 21 de marzo de 2007. Acessível em: http://www.galiciahoxe.com/index_2.php?idMenu=86&idNoticia=127188).

referidas, polos reptos discursivos que enfrentam as suas obras e polos horizontes de receçom que prevêm.

Neste sentido, tampouco é justo reduzir a performance —agora no sentido restringido— ao horizonte de intevençom imediato e à efetividade tática. A trajetória de Antón Lopo ou, inclusive, vários projetos em que participou Chus Pato antes da criaçom das Redes Escarlata, parecem desmentir efetivamente tal afirmaçom. Em princípio, porque se trata de iniciativas que enfrentam diretamente a questom da linguagem —o que é mais: o desenvolvimento dumha linguagem poética que nom seja exclusivamente literária e que nom dependa nem da palavra escrita nem do livro publicado— e, aliás, porque nelas parece estar especialmente ativada a vertente reflexiva e metapoética que, com freqüência, mais que (re)produzir intervençons monológicas, clausuradas no seu significado e nas suas coordenadas de receçom, encontra no processo, na indagaçom, na produçom de resultados inclassificáveis a sua razom de ser.

Este livro foi enviado ao prelo em outubro de 2014, quase dez anos depois da morte de Xosé Tarrío e três anos e meio após o suicídio de Patrícia Heras, vítimas ambxs da violência de Estado.

Qual é a importáncia da poesia como ferramenta dos movimentos sociais e como repertório para o ativismo político? Devemos reservar para xs poetas umha posiçom privilegiada no espaço público e nos debates coletivos? Aquelas poéticas mais interessadas na intervençom social e políticas, que modelos de poesia empregam, a quem se dirigem, que aspiram a conseguir?

Pola sua relevância histórica e polo seu dinamismo atual, o estudo da poesia galega oferece sugestivas linhas de análise para conhecer as suas funçons como discurso social e cultural. Investigar, por exemplo, as definiçons de poesia que manejamos na atualidade e com que práticas se correspondem. Estudar como os campos cultural e académico processam as aberturas que a poesia contemporánea oferece (hibridaçons entre géneros, artes e discursos, diversificaçom dos espaços poéticos, crítica dos conceitos de autoria e leitura...). Ou perguntar se a poesia e a literatura ainda mantenhem umha posiçom hegemónica no conjunto dos discursos culturais e, entre outros elementos, se o suporte livro continua a ser o hegemónico na sua difusom social.

ISBN 978-84-87305-85-6

ATRAVÉS das ideias